

PETRÓLEO RUSSO NO BRASIL PELA METADE DO PREÇO DO AMERICANO!

Texto na 10.ª página

ANO I — RIO, SEMANA DE 18 A 24 DE DEZEMBRO DE 1959 — N.º 43



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

Bancos estrangeiros:

Sanguessugas Da Economia Nacional

Leia na 6.ª página



SENADOR VIVACQUA: DEPOIS DO ACORDO RELACOES DIPLOMATICAS COM A URSS E CHINA

Texto na 3.ª página

Operários e bairrões à frente do movimento

"DIA DA OMISSÃO": JORNADA POPULAR CONTRA A CARESTIA

(TEXTO NA PÁGINA 11)



HOMOLOGAÇÃO DE LOTT VITÓRIA NACIONALISTA

Texto na 3.ª página

Dezoto mil aeroviários romperam (a jato) a barreira da fome

Texto na 5.ª página

Na rota do abastecimento do D. Federal

PRODUTOR E CONSUMIDOR "PAGAM O PATO" ENQUANTO ACAMBARCADORES "COMEM SOLTO"

(Texto na 7.ª página)

Jânio Insulta Dirigentes Sindicais:

São Pelegos e Desordeiros!

TEXTO NA 3.ª PÁGINA



PRESTES E MAO

Durante sua visita de três meses por numerosos países socialistas, Prestes teve oportunidade de acompanhar ao vivo as grandes realizações de milhões de trabalhadores que se libertaram das cadeias do Imperialismo, e entrar em contato com dirigentes políticos como Mao Tsé-tung (foto), Suslov, Gomułka, etc. Regressando ao Brasil, Prestes concedeu importante entrevista coletiva à imprensa, quando transmitiu suas impressões de viagem e abordou problemas políticos da atualidade brasileira. Nas 3.ª e 12.ª páginas desta edição damos completas reportagens sobre o assunto.

LOTT — CANDIDATURA NACIONALISTA

Em poucos dias, a luta que, no plano eleitoral, vinha sendo mantida pelas forças patrióticas e democráticas de nosso povo tinha um alvo principal: a homologação pelos partidos de uma candidatura que, pelo seu conteúdo e pelo seu programa, permitisse a aglutinação de todos os que desejam a independência e o progresso do Brasil, ao lado da consolidação e ampliação da legalidade democrática — condições básicas para que possa o nosso povo conquistar uma vida de menos sofrimentos e privações. Esta fase da luta foi coroada com uma importante vitória: depois de tantas vacilações e manobras, insistentemente tentadas pelos seus dirigentes mais reacionários, o PSD decidiu, em sua última Convenção, homologar a candidatura do marechal Teixeira Lott, exatamente aquela pela qual se empenhavam, num combate diário e às vezes bastante difícil, as melhores correntes do pensamento político brasileiro. Deu-se assim um passo importantíssimo para a definitiva consolidação de ampla frente nacionalista e popular cujo triunfo nas urnas de 1960 pode ser previsto já sem grande margem de dúvidas.

Entretanto, a quase unanimidade com que a Convenção do partido majoritário acolheu a candidatura do marechal Lott não deve criar a ilusão de que toda a luta esteja encerrada. Ao contrário, o que os fatos indicam é que essa luta prosseguirá, agora em um novo plano. É necessário que os nacionalistas — tanto os filiados aos partidos situacionistas como os que militam em outras correntes — percebam e acompanhem atentamente os rumos em que se desenvolvem os acontecimentos a fim de que possam sair vitoriosos também nas novas batalhas.

Derrotados em suas tentativas de evitar o lançamento da candidatura do marechal Teixeira Lott, pelo que ela representa de compromissos com a luta nacionalista e democrática do povo brasileiro, os setores do PSD e do situacionismo comprometidos com a

reação e os monopólios norte-americanos mudam de tática. Lançando mão de todos os meios — desde os jornais que vivem a atacar desabridamente o marechal Lott até as ameaças de grupos econômicos — procuram retirar dessa candidatura precisamente aqueles elementos que a justificam e lhe dão conteúdo: o seu sentido de luta pela emancipação econômica e política do país, a sua identificação com as legítimas exigências de progresso, democracia e melhores condições de vida, hoje formuladas pela maioria esmagadora da nação.

As recentes declarações feitas pelo ministro Armando Falcão falando, já depois da Convenção pesadista, em «união geral» em torno de Lott confirmam a advertência que fazemos às forças nacionalistas e democráticas. Que pode significar uma «união geral» em torno de Lott quando aí estão, perfeitamente caracterizadas, as duas candidaturas — uma identificada com o nacionalismo e a legalidade democrática, outra, a de Jânio, refletindo os interesses do entreguismo e da reação política? Como se admitir um Carlos Lacerda recomendando a candidatura de Lott ou «O Globo», nos editoriais de João Neves, pedindo votos para o marechal nacionalista?

O quadro da sucessão presidencial está formado. As duas candidaturas, já oficialmente ratificadas, expressam duas políticas, que se contrapõem frontalmente: Jânio é o candidato do entreguismo, enquanto Lott é o candidato apoiado pelos nacionalistas e democratas. E isto precisamente é que dá sentido e força à candidatura do marechal Teixeira Lott, é o que lhe assegura a entusiástica solidariedade do movimento operário e das forças populares, é o que lhe dará a vitória em 3 de outubro de 1960.

Retirar a candidatura Lott o seu sentido de luta por uma política claramente nacionalista e democrática é, em suma, conspirar contra essa candidatura. E os nacionalistas e democratas não podem permiti-lo.

A ONU CONTRIBUIU PARA A COEXISTÊNCIA PACÍFICA

A sessão da Assembléa Geral da ONU, encerrada segunda-feira última, 14 de dezembro, decorreu sob o signo do alívio da tensão internacional. Seus resultados concretos imediatos não foram grandes. Refletiram ao mesmo tempo a tendência à eliminação da guerra, como meio de resolver os problemas internacionais pendentes, e as fortes resistências que certos círculos reacionários ainda opõem à coexistência pacífica.

Mas a principal característica da recém-finda Assembléa da ONU, foi cercar-se de iniciativas que vêm complementar sua missão básica: a manutenção e o fortalecimento da paz. Pode-se dizer que a Assembléa da ONU saiu de seus marcos e, na prática, continuará através de Comissões, como a do desarmamento, e da do espaço sideral, além de outras.

A CHINA

Os adversários da coexistência pacífica, os proseguidores do prosseguimento da guerra fria, ainda conseguiram obstar a consecução de acordos e entendimentos favoráveis à paz mundial.

A nova Assembléa Geral da ONU rejeitou, mais uma vez, a admissão da China na Organização das Nações Unidas. Quer dizer, uma nação de mais de 600 milhões de habitantes não participa do debate de problemas que interessam a todos os povos nem de sua solução. É uma situação que não poderá prolongar-se indefinidamente se se quer de fato resolver problemas como o desarmamento, da proibição das armas atômicas e outros. A China transformou-se numa grande potência e não pode mais ser ignorada no cenário internacional. Mas a Assembléa da ONU, por culpa exclusiva dos Estados Unidos, manteve a velha e anacrônica política de boicote da República Popular da China, por não admitir ao povo chinês o direito de escolher livremente o regime que lhe interessa.

Por iniciativa da delegação americana, a ONU interveio mais uma vez nos assuntos internos da Hungria, embora este país seja membro da ONU e repita enérgicamente essa inadmissível intromissão. Mas uma resolução foi aprovada proclamando a retirada das tropas soviéticas, da qual se ondem de conformidade com um acôrdo

ARGÉLIA

Outra questão internacional importante permaneceu no impasse anterior: a da Argélia. O projeto de resolução apresentado pelos países da Ásia e África recomendando as duas partes (França e Argélia) conversações para a cessação das hostilidades, encontrou a barreira formada pelas potências coloniais e mais os que sempre acompanham os Estados Unidos, Brasil, inclusive.

O projeto afro-asiático recomendava à Assembléa Geral: «Convidar as partes interessadas a entrar em conversações para determinar as condições necessárias à aplicação, desde que possível, do direito à autodeterminação ao povo argelino, inclusive as condições para cessar fogo».

A vontade dos imperialistas ainda prevaleceu neste caso.

HUNGRIA

Na presença dos representantes de 46 Partidos Comunistas e Operários, Janos Kadar expôs, perante o VII Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro, a situação atual da Hungria. Ferenc Mucich, presidente do Conselho, presidiu a primeira reunião, tendo a seu lado, na primeira fila, Kuschiov, Thai Sen Lin, secretário do Partido Comunista Chinês, Jacques Ducloux, secretário do Partido Comunista Francês, e Walter Ulbricht, primeiro secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha.

KADAR NO VII CONGRESSO:

5.000 Fugitivos Húngaros No Exército Americano



Janos Kadar, primeiro-secretário do Partido Operário Socialista Húngaro.

Na presença dos representantes de 46 Partidos Comunistas e Operários, Janos Kadar expôs, perante o VII Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro, a situação atual da Hungria.

Ferenc Mucich, presidente do Conselho, presidiu a primeira reunião, tendo a seu lado, na primeira fila, Kuschiov, Thai Sen Lin, secretário do Partido Comunista Chinês, Jacques Ducloux, secretário do Partido Comunista Francês, e Walter Ulbricht, primeiro secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha.

— Ainda por muito tempo — afirma Kadar sob aplausos — o Partido deverá ter em mente todos os ensinamentos e todas as experiências do levante contra-revolucionário. Podemos afirmar, porém, quanto à própria contra-revolução, que sua derrota é total em todos os sentidos e que só pertence ao passado.

AMANHÃ...

A contra-revolução causou grandes prejuízos à economia húngara e as ruas de Budapeste o comprovam pela reconstrução dos imóveis destruídos e pelas fachadas que revelam estragos já reparados. No entanto, a situação já estava normalizada em fins de 1957. E, no corrente ano, o aumento da produção industrial, a uma progressão de 12%, é do mesmo ritmo e mesmo um pouco mais elevada do que na União Soviética. De hoje até fins de 1965 o plano prevê um aumento mínimo de 65 a 70% da produção industrial em relação a 1958. Uma vez que o conjunto da produção do campo socialista deve ultrapassar,

Internacional, da mesma forma que tropas americanas se encontram na Inglaterra e outros países. Com uma diferença apenas: as tropas americanas estão a milhares de milhas das fronteiras dos Estados Unidos, enquanto as tropas soviéticas, segundo o Tratado defensivo de Varsóvia, estão junto às suas fronteiras, por várias vezes cruzadas pelas agressões imperialistas.

DERROTA AMERICANA

Ao iniciar-se o funcionamento da ONU, em 1946, os Estados Unidos conseguiram impor, com o voto maciço da América Latina, todos as suas vontades. As coisas se modificam neste sentido. Na Assembléa Geral que acaba de encerrar-se, deveria preencher-se uma vaga no Conselho de Segurança. Essa vaga, por um acôrdo de cavalheiros existente desde o início da ONU, deveria caber a um país do leste da Europa. Foi apresentada a candidatura da Polónia. A ela opuseram os Estados Unidos a candidatura da Turquia. Realizaram-se mais de 50 votações, e nenhuma das duas candidaturas teve o número de votos exigido pelo regimento Interno da ONU. Fêz-se um

acôrdo extra-regimental: a Polónia ocupará o lugar no Conselho em 1960 e a Turquia em 1961.

Aí está um reflexo da mudança na relação de forças no âmbito internacional, contra os que pretendiam ditar o seu talento o rumo das decisões.

O DESARMA-MENTO

A questão do desarmamento mundial ocupou o primeiro plano na Assembléa da ONU. Foi suscitado mais uma vez pela delegação da União Soviética, com a presença na sede da ONU do Presidente do Conselho de Ministros da URSS. Kuschiov, quando de sua visita aos Estados Unidos, em setembro. A proposta de Kuschiov foi a mais completa até hoje feita sobre o desarmamento universal e completo. Obteve praticamente o reconhecimento de todos os povos. A Assembléa Geral tomou uma decisão sensata: designou uma comissão internacional para discutir o importante problema.

USO PACÍFICO DO ESPAÇO SIDERAL

De acôrdo com o princípio da política de coexistência pacífica, a Assembléa Geral da ONU adotou um projeto de resolução apresentado pela URSS, Estados Unidos, França, Inglaterra e outros países, para o uso pacífico dos espaços interplanetários.

É um projeto que corresponde à nova época em que vivemos — o da conquista dos espaços siderais pelo homem, que já atingiu a Lua com seus foguetes teleguiados. É mais um terreno comum para a colaboração internacional em proveito da paz. O domínio dos espaços pode decidir a sorte de uma guerra, se por desgraça ela deflagasse hoje. A unanimidade com que a Assembléa Geral da ONU aprovou o acôrdo sobre o uso pacífico dos espaços interplanetários, é uma demonstração das possibilidades de entendimento completo para acabar de uma vez, por todas com as guerras e empenhar os esforços

conjuntos das Nações pelo progresso da humanidade.

Em resumo, a Assembléa Geral da ONU desempenhou, no essencial, um papel positivo em favor da coexistência pacífica, não obstante as resistências ainda notáveis no seio da própria ONU.

Foi uma Assembléa que refletiu o novo espírito de substituir as soluções pela força, pelas soluções pacíficas, mediante entendimentos. Para os resultados alcançados — que não são muitos — já são animadores — influíram decisivamente a viagem do Vice-Primeiro Ministro soviético Mikoiian aos Estados Unidos, em janeiro, a posterior vinda de Koslov, outro estadista soviético, à América, e, finalmente, correndo os esforços pela paz, a visita do Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Kuschiov, e suas conferências de Camp David com Eisenhower.

Que estes esforços continuem a dar seus frutos — é o que desejam todos os povos.

CRÔNICA INTERNACIONAL

OUTRO FRACASSO DA REAÇÃO

Decepcionaram-se amargamente os que esperavam da visita do Presidente Eisenhower à Índia uma declaração conjunta indo-americana contra a China. Embora permaneça o impasse na questão da fronteira contestada entre os dois grandes países asiáticos, o Primeiro-Ministro Nehru não se prestou à manobra antichinesa pretendida pela reação mundial. Ao contrário, na declaração conjunta sobre a visita de Eisenhower à Índia, o chefe do governo indiano reafirma textualmente que seu país permanece inquebrantável em sua convicção de que as divergências entre as nações devem ser solucionadas pacificamente, por meio de negociações e do entendimento, e não pelo recurso à força.

No entanto, vejam-se os telegramas transmitidos pelas agências norte-americanas (UPI e AP) sobre a visita de Eisenhower à Índia. Durante dias seguidos, a nota dominante dos despachos dessas agências eram as insidias contra a China, tentando envenenar a opinião pública. Antecipavam que certamente Eisenhower e Nehru lançariam um desafio a Pequim, que Nova Delhi receberia ajuda militar para uma guerra angrada contra a China, e mesmo que a Índia aderiria ao Pacto militar do Atlântico Norte.

O comunicando conjunto indo-americano de Nova Delhi foi uma ducha de água fria na imaginação ardente dessas fontes de intriga internacional. Seu tom é moderado e otimista quanto às possibilidades de manter-se a paz, de realizar-se a coexistência pacífica entre os povos.

A decepção dos adeptos do prosseguimento da guerra fria deve ter sido enorme. O mal que conseguiram foram algumas manchetes mentirosas, que vão ajudando a desmoralizar as agências telegráficas — duas ou três — que fazem as primeiras páginas de nossa grande imprensa.

Porque a tendência irreversível dos povos é pôr para sempre a guerra fora da lei.

Expressão clara deste anseio dos povos é o novo surto da crise da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Mais uma vez a França abala a famosa unidade atlântica. As divergências agora reveladas pelo general americano Nathan Twining, em sessão secreta, e depois divulgadas oficialmente, relegaram a segundo plano a própria excursão de Eisenhower. O Secretário de Estado Herter correu a Paris. Reuniu-se o Conselho da OTAN. Seu secretário-geral, o socialista de direita Spaak, feroz partidário da guerra fria, tenta inutilmente manter a integridade do famigerado bloco de guerra quente e agressão. O novo clima de coexistência pacífica e alívio da tensão internacional apressa-lhe a decomposição.

A posição da França é sintomática. Certamente que existem as dificuldades em torno da questão da Argélia, na qual os Estados Unidos não podem apoiar a França mais abertamente do que o fazem contra os argelinos. Mas quando a aliança França-EE.UU. estremece tão seriamente, é sinal de que a OTAN se tornou o elo mais fraco. A defeção francesa era imprevisível há alguns anos, mesmo depois de iniciada a guerra na Argélia. Ainda hoje não é uma realidade, mas é uma possibilidade.

O sópro de paz que varre o mundo, sobretudo depois da visita de Kuschiov nos Estados Unidos, pode sanear a atmosfera internacional e eliminar para sempre a ameaça de uma catástrofe bélica. Esforços em sentido contrário existem, mas os ferrenhos adeptos da continuação da guerra fria sentem hoje a terra tremer sob seus pés. É a paz que avança.



RUI FACÓ

próprios limites da felonía. Deu uma máscara de legalidade ao conjunto das forças acumuladas da contra-revolução. Com a boca cheia das palavras socialismo, democracia, liberdade e revolução, as forças contra-revolucionárias se lançaram ao assalto contra as instituições populares e assassinaram centenas de comunistas e democratas fiéis ao povo e à liberdade.

3. A classe constituída pelos antigos senhores de terra e capitalistas se reorganizou para restaurar o sistema capitalista e fascista.

4. A principal força da contra-revolução foi o imperialismo e, em primeiro lugar, os reacionários dos Estados Unidos. (Cerca de 5.000 fugitivos húngaros ainda estão hoje alistados no exército americano.)

AGORA ESTAMOS MAIS FORTES

O poder popular está, hoje, mais forte do que antes do levante contra-revolucionário. Corrigiu os erros. O Partido se livrou de tudo o que sujara sua pura bandeira, o culto à personalidade e a vergonha da tração revisionista.

Novos métodos estão sendo empregados no campo. O sistema das entregas obrigatórias de produtos agrícolas foi substituído, em fins de 1957, por compras realizadas pelo Estado a preços favoráveis aos camponeses. Atualmente, 51% das terras cultivadas são administradas por cooperativas ou por empresas estatais. Teremos, doravante, como tarefa decisiva, rematar a transformação socialista da agricultura. É necessário, porém, que nos dirijamos aos camponeses como a irmãos, e com tato, paciência e humanidade.

A LUTA EM DUAS FRENTE
O Partido está renovado,

agrupa, hoje, mais de 400.000 membros e luta em duas frentes: contra o revisionismo e contra o dogmatismo. Na Hungria, assim como em plano internacional, o desvio mais perigoso é o revisionismo, que falsifica as teses básicas do marxismo, nega o papel dirigente do Partido, o da ditadura do proletariado, a importância do campo socialista e termina na traição. No entanto, o dogmatismo é também capaz — Kadar o demonstra — de causar grandes males ao Partido da classe operária. Combatendo-o, o Comitê Central restabeleceu a democracia interna e reabilitou todos os que Rakosi e seu grupo haviam injustamente difamado.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragma Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardi.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/905
Enderço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral " 130,00
Trimestral " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasado " 8,00

Prestes na entrevista coletiva

Homologação De Lott Vitória Popular

Defrente a palestra que manteve com os jornalistas na última terça-feira, a propósito de sua recente visita à República Popular da China, União Soviética e outros países socialistas, o líder comunista Luiz Carlos Prestes respondeu a várias perguntas da reportagem política relacionadas com a atual situação do país.

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Referindo-se à sucessão presidencial, Prestes lembrou que, há três meses, os comunistas deram à publicidade um documento em que caracterizavam as duas candidaturas que deveriam disputar as eleições de 1960. Afirma-se nesse documento que enquanto Jânio era o candidato das forças mais reacionárias e contava com o apoio dos monopólios imperialistas, em torno da candidatura do marechal Lott devem aglutinar-se as forças nacionalistas e democráticas. O documento reconhecia aos comunistas a tarefa de denunciar ao povo brasileiro o caráter anacionalista da candidatura Jânio e contribuir para o reforçamento cada vez maior de uma candidatura nacionalista.

Os acontecimentos ocorridos nesses três meses — disse Prestes — vieram comprovar o acerto de nossa orientação. Nesse período, enquanto a candidatura de Jânio se debilitou, o que se verifica é o fortalecimento crescente da candidatura do marechal Teixeira Lott. Podemos afirmar que a atuação dos comunistas muito contribuiu nesse sentido. Hoje, muitas pessoas que estavam certas da invencibilidade da candidatura Jânio, começam a vacilar ou se convencem mesmo do contrário.

A candidatura do marechal Teixeira Lott já foi ratificada oficialmente pelo PSD em sua última Convenção Nacional. Esta foi, sem dúvida, uma importante vitória do povo, pois como se sabe, os setores mais reacionários do situacionismo e os políticos do PSD comprometidos com os trusts tudo fizeram para impedir a oficialização dessa candidatura. Foram venci-

dos, porém, pelas forças nacionalistas. O entusiasmo que dominou o encerramento da Convenção pedesista, sobretudo quando os oradores faziam alusões às reivindicações nacionalistas, mostra que há todas as condições para uma grande campanha eleitoral de conteúdo patriótico e popular.

FRACASSO DA "UNIÃO NACIONAL"

Respondendo a uma pergunta sobre declarações feitas pelo ministro Armando Falcão a favor da «união nacional», disse Prestes:

— Se não foi possível antes a «união nacional», será muito menos agora. As duas candidaturas já estão aí formalmente lançadas. Para que o marechal Lott fosse um candidato de «união nacional», seria necessário que ele tivesse o apoio das forças entreguistas. Mas como se admitir tal coisa? Nesse caso, o marechal Lott teria de romper os seus compromissos com o programa nacionalista que constitui a essência de sua candidatura. Não vejo como isto possa acontecer, pois todos sabem que o marechal Lott é um homem antes de tudo honesto, firme nas suas convicções.

O que se dá é que, sendo o sr. Armando Falcão um dos homens mais reacionários do atual governo, não deve estar satisfeito com o fato de a campanha eleitoral estar colocada em termos bastante claros: uma candidatura nacionalista contra uma candidatura dos trusts e da reação.

GOLPE NÃO É SOLUÇÃO

«A solução para os difíceis problemas do povo não pode ser encontrada através de golpes contra o próprio povo» — afirmou Prestes, em resposta a uma pergunta acerca da tentativa de Aragarcas. E acrescentou o líder comunista: — «A situação é terrível para as massas, sobretudo para os trabalhadores. O descontentamento popular contra o governo é cada dia maior. Nem pode ser de outra forma: até 1953 o custo de vida vinha crescendo num ritmo de 25% ao ano, enquanto este ano já atinge a 50%. O desespero não é ainda maior porque, através de suas lutas, os trabalhadores têm conquistado alguns aumentos de salários, que, entretanto, são logo anulados pelo incessante aumento de preços.

Mas a solução não pode estar em golpes, que se di-

rigem exatamente contra o povo, como revelaram os documentos em poder dos oficiais que se sublevaram na Aeronáutica. A solução está na unidade das forças nacionalistas e democráticas para exigir do governo uma política independente e progressista, isto é, uma política externa de relações amplas e normais com todos os países e, internamente, a adoção de uma série de medidas, econômicas e financeiras preconizadas pelas forças patrióticas e democráticas tendo em vista libertar o país das imposições colonialistas do Fundo Monetário Internacional.

Pode-se afirmar que jamais houve condições tão favoráveis para que o governo brasileiro enverede pelo caminho de uma política verdadeiramente independente e voltada para os interesses do povo.

AVANÇO DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Observando que talvez a Imprensa brasileira não tivesse compreendido em toda a sua extensão a importância da recente Conferência Sindical Nacional, declarou Prestes:

— A Conferência foi o mais importante ato alcançado pela classe operária em nosso país nos últimos anos. Nós, comunistas, que contribuímos para a conquista desse êxito do movimento operário, ao lado de outras forças, podemos nos sentir satisfeitos. Deve-se assinalar que essa Conferência colocou o movimento operário e sindical em um novo nível, mais elevado. A unidade dos trabalhadores se reforçou consideravelmente. A Conferência criou condições também para a realização, proximamente, de um Congresso Sindical Nacional, no qual poderá ser criada uma central única dos trabalhadores brasileiros.

REATAMENTO DE RELAÇÕES

Outra questão abordada por Prestes em sua entrevista foi a que se refere ao reatamento de relações entre o Brasil e a URSS. Declarou o líder comunista:

— Em todos os países onde esteve há um grande interesse pela América Latina, particularmente pelo Brasil. Quanto à União So-

viética, esse interesse é evidente. Aliás, isso não é de hoje: já em entrevistas a jornalistas brasileiros, Nikita Khrushchov havia assinalado a disposição em que se acha a União Soviética de reatar as suas relações diplomáticas e comerciais com o Brasil. Há a considerar, porém, que tendo sido do governo brasileiro a iniciativa do rompimento dessas relações, a ele cabe naturalmente a iniciativa de propor o seu restabelecimento.

Esta é, por sinal, uma exigência hoje feita praticamente por toda a nação. Se há alguns anos era uma reivindicação dos comunistas apenas, atualmente o restabelecimento de relações com os países socialistas é exigido por inúmeros deputados e senadores, organizações de industriais e fazendeiros e mesmo por setores do governo. É uma medida, sem dúvida, que não pode ser mais protelada. Esperamos que o acordo comercial agora concluído com a União Soviética seja um passo concreto nesse sentido. Tudo favorece a adoção dessa medida por parte do governo do sr. Juscelino Kubitschek, inclusive a situação internacional. A verdade é que depois da visita de Khrushchov aos Estados Unidos e das mudanças havidas em seguida à conferência de Camp David, nenhum pretexto mais pode ser alegado para justificar o nosso isolamento no quadro internacional.



Prestes quando lia sua declaração a propósito da recente viagem que efetuou aos países socialistas, durante a entrevista concedida à imprensa

JÂNIO INSULTA: DIRIGENTES SINDICAIS SÃO PELEGOS E DESORDEIROS

«Muitos dirigentes e líderes sindicais, e conseguiu com muito esforço uma viagem a União Soviética, de onde voltou fazendo declarações de amor ao socialismo...»

Falando a semana passada a um grupo de operários da Fábrica de Cimento Perus, em São Paulo, o sr. Jânio Quadros manifestou-se furiosamente contra os sindicatos e a atual organização sindical do país, acusando os líderes e dirigentes operários de pelegos e aproveitadores do Fundo Social Sindical. Condenando os movimentos reivindicatórios da classe operária, disse serem os mesmos provocados por «extremistas» interessados na «desordem». Como vemos, a linguagem do sr. Jânio Quadros em nada difere da usada pelos patrões mais reacionários ao qualificarem como legais as lutas dos trabalhadores por melhores condições de existência.

Jânio Quadros investe contra a União Soviética onde existe, segundo ele, um «regime duro e terrível» e os trabalhadores «não tinham os mínimos direitos». Sacando velhos chapéus anticomunistas do baú de Pena Boto, o sr. Jânio Quadros revela todo o seu desespero diante do fracasso de sua viagem-cavação à União Soviética. Suas declarações, ao regressar, favoráveis ao intercâmbio com aquele país e de elogios às grandes conquistas econômicas e culturais dos trabalhadores soviéticos, publicados em todos os jornais, não foram suficientes para apagar da memória dos trabalhadores o seu conhecido anti-sovietismo.

Com o seu discurso ao grupo de operários da Perus, o sr. Jânio Quadros não se coloca apenas contra os comunistas, mas contra todo o movimento sindical e seus conhecidos e estimados dirigentes, por ele classificados de pelegos. Desta forma, o cachorro revela-se como candidato o que sempre fora à frente do Governo de São Paulo: inimigo das forças progressistas e servilmente consciente do que há de mais reacionário e antinacional em nosso País.

NO BONITO CONFERÊNCIA NACIONALISTA

Realizou-se em Rio Bonito (RJ) no dia 13, importante conferência dos deputados Neiva Moreira e Fernando Santana, sobre o tema «Solução nacionalista para os problemas do Brasil».

O ato, que foi patrocinado pelo Centro Nacionalista Rio-bonitense, teve lugar na Câmara Municipal e contou com numerosa assistência que superlotou o recinto e se aglomerou nas imediações da Câmara.

Inúmeras autoridades locais prestigiaram o conclave com sua presença.

JOÃO CÂNDIDO E A MARINHA

Hoje, passados 50 anos da revolta da chibata, só pode ser recebido com estranheza um gesto como o de alguns oficiais da Marinha, entre os quais o titular da pasta, que ameaçaram retirar-se do recinto da Câmara, à simples alusão ao nome de João Cândido.

Efetivamente, que pode haver de mais nobre e humano do que a corajosa atitude desse homem do povo que, como simples marinheiro, chefiou uma revolta para erradicar da Marinha costumes bárbaros?

O povo brasileiro, que alimenta com homens e com recursos suas forças armadas, não pode concordar com uma Marinha aristocratizada, desvinculada da alma brasileira, da formação histórica da nacionalidade. O povo, que tem em tão alta conta as melhores tradições de nossa força naval, que sabe dos feitos da Marinha para resguardar a integridade do país e vidas brasileiras durante a última guerra, não tem porque voltar as costas a este outro feito heróico que se inscreve entre as mais belas e altivas páginas da Marinha nacional.

Fora De Rumo

RAIMUNDO NONATO

Na noite de 11 para 12, de sexta para sábado último, houve sessão na Câmara, Cêrca das 11,30, o sr. Bento Gonçalves, presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, recebeu um cartão de Lacerda, pedindo-lhe que fosse à sua casa, no já famoso edifício Cidade do Salvador, da Praia do Flamengo.

O sr. Bento Gonçalves comunicou o fato ao líder da maioria, sr. Abelardo Jurema, e este pediu que seu irmão, o deputado Aderbal Jurema, acompanhasse o sr. Bento Gonçalves. Suspeitava-se que Lacerda, mordido que anda de remorso, desde que delatou o golpe de Aragarcas, fosse pedir ao Governo medidas de segurança pessoal. Também seguiu para a residência do misterioso personagem o líder da UDN, sr. João Agripino.

Lacerda explicou o verdadeiro motivo daquele convite. Não se tratava de nova alenguetagem. Estava de viagem para Londres, onde tomaria parte em reunião da Conferência Interparlamentar. Não queria que essa viagem desse motivo a «interpretações maliciosas». Fazia também questão de frisar, diante de dois homens ligados ao Governo, que desaprovava qualquer orientação golpista.

O morador do apartamento do Flamengo não se limitou a insistir que está contra o golpe. Reiterou a ponderação de que não comunicaria, dias antes, ao mesmo sr. Bento Gonçalves, que ia haver levantar na Aeronáutica, não praticava delação. Repetidas vezes, na conversa, afirmou que não era traidor e que o coronel Veloso o desobrigava de qualquer solidariedade.

Cêrca de uma hora da madrugada, regressaram à Câmara os embaixadores. Ali ainda estavam, aprensivos, as pessoas depositárias do segredo da visita. Houve um sentimento de desafogo quando se soube do verdadeiro objetivo do apelo do homem que arrumava as malas para seguir viagem, cantando «Eu sei que sou covarde». E horas depois (veja-se a coincidência), enquanto o Corvo voava para Londres, o rádio anunciava um levante... no Paraguai!

Mas não se pode acender uma vela a Deus e outra ao Diabo, e por isso o cambio de Lacerda está baixo nas rodas golpistas. Principalmente por ter sido a denúncia do «putsch» de Aragarcas, um caso da atribuição da Aeronáutica, levada ao Marechal Teixeira Lott e não ao Brigadeiro Melo. Este detalhe é que amargura os colegas dessa outra vítima de Lacerda, que foi o major Vaz.

Se deixou de ser golpista, por que Lacerda não explica as razões políticas dessa mudança? Ou não se trata de razões políticas e sim de mais uma deserção em sua carreira de transfuga iniciada na juventude, há um quarto de século?

CONVENÇÃO DO PSD: LOTT REAFIRMA POSIÇÃO NACIONALISTA

Com a sua homologação pela Convenção Nacional do PSD, realizada na última semana, a candidatura do marechal Teixeira Lott superou a fase das protelações e manobras na cúpula pedesista e se reforçou consideravelmente. A decisão dos congressistas do partido majoritário foi, nesse sentido, uma significativa vitória dos nacionalistas que, dentro e fora do PSD, vinham durante longos meses denunciando e combatendo os ardis que, sob vários pretextos, especialmente o da «união nacional», tinham por objetivo o afastamento da candidatura de Lott. Pretendiam os setores mais reacionários e entreguistas do situacionismo, dessa maneira, impedir que as eleições de 1960 tivessem como divisor de águas o nacionalismo, representado pela candidatura do atual ministro da Guerra, e o entreguismo, personificado em Jânio.

ASPECTOS DA CONVENÇÃO

O aspecto mais saliente na Convenção pedesista foi o tom que dominou a sua sessão solene de encerramento. Todos os oradores, sem exceção, insistiram nos temas que dão à candidatura do marechal Teixeira Lott o seu conteúdo nacionalista e democrático, em oposição ao caráter abertamente entreguista e antidemocrático do agrupamento político formado em torno de Jânio Quadros.

O plenário da Câmara dos Deputados, onde se encerrou a Convenção, vibrava toda vez que os oradores se referiam às reivindicações nacionalistas — particularmente a necessidade de uma política exterior independente e da exploração dos nossos recursos naturais em benefício do próprio povo brasileiro.

DISCURSO DE LOTT

Em seu discurso, de agradecimento pela escolha do seu nome como candidato do PSD, o marechal Teixeira Lott, além de abordar vários outros problemas, ressaltou os seguintes pontos: — fidelidade à legalidade democrática, expressa inclusive no respeito aos partidos políticos; — política dirigida no sentido de assegurar o desenvolvimento econômico do país, inclusive procurando superar o desnível entre o avanço industrial e o atraso da agricultura; — ensino primário obrigatório e gratuito;

vacia linha moral dos mandantes do governo: — orientação nacionalista.

CAMPANHA NAS RUAS

Vencida a etapa da sua oficialização pelo PSD, e enquanto o PTB se prepara para homologá-la em sua próxima Convenção, em janeiro vindouro, a candidatura do marechal Teixeira Lott entra definitivamente na fase da campanha de massas, nas ruas. Deve intensificar-se agora a criação dos comitês pró-Lott. Na última terça-feira, instalou-se, num movimentado ato na ABI, o comitê dos estivadores. Outros comitês têm a sua instalação programada para os próximos dias.

JÂNIO VISTO POR LACERDA

«Quando Jânio quer mentir, jura até sobre a honra da família.» (Tribuna da Imprensa — 2-6-1955).

«A demagogia mais deslavada é a regra. Quem dá a nota é Jânio Quadros — que em Nova Iorque, em discurso diante de numerosos americanos e brasileiros, bateu no peito, literalmente dizendo:

Penitencio-me de ter sido a favor da PETROBRAS

Seja a favor ou contra, no caso não importa. Mas não seja cínico. Não engane o povo aqui, dizendo o contrário do que foi dizer lá, onde não devia, quando não devia, com quem não devia.» (Tribuna da Imprensa — 8-8-1955).

NOTAS SOBRE LIVROS

ASTROLOGO DEPIRA

A guerra de Canudos, que foi em boa verdade uma guerra de camponeses contra o latifúndio, não teve até hoje um historiador à altura da sua importância e significação. É certo que ela produziu a epopéia de Os Serfidos; mas a obra de Euclides não é uma história, é propriamente uma epopéia, mais obra de arte do que de ciência.

A passagem do cinquentenário da morte de Euclides da Cunha proporcionou a publicação de alguns livros e ensaios, mas nenhuma história em profundidade, obra ao mesmo tempo documental e interpretativa. Entre os ensaios podemos destacar os de Rui Facó e Nelson Werneck Sodré, estampados em revistas, e por sua mesma natureza de feição e objetivos limitados. Entre os livros convém lembrar o de Henrique Duque Estrada de Macedo Soares — A Guerra de Canudos, cuja primeira edição data de 1902 e foi agora reeditada pela Biblioteca do Exército; como obra documental possui grande interesse.

Nos domínios da ficção romanesca, o drama de Canudos produziu ultimamente dois livros consideráveis: João Abade, de João Felício dos Santos, que saiu em 1958, e O Capitão Jagunço, de Paulo Dantas, publicada há pouco. Sobre João Abade manifestou-se a crítica com aplausos gerais, ao tempo do seu aparecimento. O Capitão Jagunço está ainda quente, e sobre ele podemos alinhar algum breve comentário.

O Capitão Jagunço está estruturada sob a forma de narrativa coloquial, em que o personagem central, que dá o título ao livro, vai contando no seu típico linguajar de sertanejo o que viu e o que sabe da luta tremenda. O Capitão Jagunço existiu na realidade, e sua narrativa é uma mistura de depoimento objetivo e de confissão interessada, que o romancista soube captar com habilidade de repórter e transformar em obra de bom corte novelístico. É leitura que prende o leitor do começo ao fim e que nos transmite um quadro verídico — necessariamente cheio de horrores — da aspérrima luta entre os chamados jagunços e as forças governamentais. E a par disso, que constitui o núcleo central da obra, numerosos episódios laterais — alguns de inspiração mais ou menos sentimental, outros de timbre mais ou menos picareco, e ainda outros de colorido absolutamente sórdido. Não esconde o romancista, nem havia por que esconder, os nobres sentimentos de solidariedade sertaneja — e de pura piedade humana — que lhe suscita a evocação de tantas calamidades.

Não esconde tampouco uma certa compreensão do caráter social da guerra de Canudos, sem contudo salientar o que havia nela de mais profundo e essencial — a expressão de uma verdadeira luta de classes, determinada pelas condições sociais importantes na região. Não se trata de pedir ao romancista uma interpretação sociológica do fenômeno, mas isso não impede que ele busque impregnar a sua obra do conteúdo ideológico que se encontra no âmago da realidade social de onde foi retirada a matéria-prima do romance.

Congregação da Faculdade de Direito Solidária Com o Movimento Juristas De São Paulo Pela Anistia Aos Presos Políticos Espanhóis

Instalada em novembro, a Comissão Coordenadora da Primeira Conferência Sul-Americana Pro-Anistia para os presos e exilados políticos da Espanha e Portugal vem realizando um grande trabalho de propaganda em torno dessa importante reunião a ser realizada em Janeiro. A campanha tem sido acolhida com grande entusiasmo pela população de São Paulo, cidade-sede da Comissão.

As manifestações de solidariedade recebidas pela Comissão, pelo Jantar-se agora a adesão dos professores da Faculdade de Direito de São Paulo, através de manifesto que vai abaixo publicado: Os professores da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, subscrivendo esta mensagem manifestam a sua adesão ao movimento intelectual que está sendo coordenado na América do Sul, no sentido de se reunir em São Paulo, a 1.ª Conferência Sul-Americana Pro-Anistia para os Exilados Políticos da Espanha e Portugal.

As tradições de liberalismo

do direito hispânico foram muitas vezes postas em realidade por grandes professores desta Casa, como Reynaldo Pochart, João Mendes Junior e Waldemar Ferreira, ao fazerem o histórico das nossas instituições civis e criminais. Muito contribuíram para exaltação do nosso culto à Liberdade e para sedimentação da organização democrática, entre nós.

Custa, assim, compreender que, passados que são mais de dois séculos desde a vitória do movimento revolucionário e da implantação do novo regime, continuem exilados grandes estadistas, professores e intelectuais dos mais notáveis da Espanha, ameaçados de processos criminais, e que ainda haja prisões e processos por crimes políticos contra os adversários da revolução dominante.

"A anistia, segundo a expressão de Aloysio Carvalho Filho, é medida de concórdia e conciliação, muitas vezes a única medida indicada para desamassar o ambiente social e po-

lítico, restabelecer a paz nos espíritos conturbados por profundas desinteligências de natureza política". Núclea de paz e concórdia de concórdia, parece antes do céu prudente aviso que expediente de homens", como dela escreveu João Barbalho, o grande comentarista da Constituição de 1891. "O fim da anistia — segundo as palavras de Rui Barbosa — é o esquecimento dos fatos criminosos que o Poder Público teve dificuldade de punir ou achou prudente não punir. Juridicamente, os fatos deixam de existir; o Parlamento passa uma esponja sobre eles. Só a História os rezoa".

Os professores da nossa Faculdade, que vivem em contato diuturno com os livros dos grandes juristas espanhóis e portugueses e com as obras numerosas dos seus excelentes pensadores, sentem-se no dever de formar ao lado dos intelectuais latino-americanos, promotores da Conferência Pro-Anistia, a fim de que, em tardança, dessa dos céus de Espanha e Portugal aquela

núclea de paz e de concórdia, passando-se a esponja em todos os processos e julgamentos, deixando-se tudo para o sereno e imparcial julgo da História.

São Paulo, 28 de novembro de 1959.

O manifesto foi assinado pelos seguintes Prof.: Waldemar Ferreira, Bras de Souza Arruda, Cardoso de Melo Netto, Noé Azevedo, Lino de Moraes Leme, Honório Monteiro, A. Almeida Junior, Basileu Garcia, Sylvio Marcondes, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, Miguel Reale, Joaquim Canuto Mendes de Almeida, Moacyr Amaral Santos, Goffredo da Silva Telles Junior, J. Pinto Antunes, Alfredo Buzaid, Theotônio Monteiro de Barros Filho, Alexandre Augusto Corrêa, Alberto da Rocha Barros, Luiz Araújo Corrêa de Brito, Philomeno da Costa, Loureiro Junior, Celso Heves, Luiz Ambra, Vicente Marotta Rangel, Renato Czerna, Geraldo de Ulhôa Cintra, Oscar Barreto Filho, Odilon de Araújo Grellet e Diniz de Oliveira Cesar.

PROFESSOR LUCAS NOGUEIRA GARCEZ:

DIAS MAIS FELIZES PARA A ESPANHA

O Prof. Catedrático da Universidade de São Paulo e ex-Governador do Estado, sr. Lucas Nogueira Garcez, solidarizando-se com os objetivos visados pela CONFERÊNCIA PRO-ANISTIA, enviou à Comissão Coordenadora da mesma a seguinte declaração:

"Os brasileiros que se orgulham de sua ascendência européia desejam ver estabelecida na Espanha a concórdia entre todos os que têm como preocupação suprema o bem-estar do povo espanhol.

Num mundo que luta heróicamente por condições de vida mais humanas não pode faltar a decisiva contribuição da Península Ibérica; isso está a exigir a confraternização de todos os espanhóis, esquecidos de suas divergências do passado, com os olhos postos no futuro.

A anistia para os presos e exilados políticos será um poderoso estímulo para a convivência fraternal de todos os espanhóis; oxalá possamos saudá-la como o prenúncio de dias mais felizes para a Espanha.

BRASÍLIA E A CRÍTICA

MILTON FERVITAS

Com poucas críticas têm tratado com objetividade o assunto Brasília. Propomos-nos a dar, dentro das limitações de um simples artigo, algumas indicações críticas e a levantar uma série de problemas que nos parecem fundamentais dentro de critérios objetivos, evitando as costumeiras especulações literárias que o assunto tem perseguido ultimamente.

Trata-se de demonstrar uma realidade sensível, ob-

jetiva em sua função. Abordá-la integralmente significa compreender sua essência social e estética, analisar seu conteúdo, que é a própria vida humana com seus problemas e suas relações diretas e indiretas, realidade indelével e indistricável, isenta, por natureza, das mistificações com que se compaz grande parte de nossos "entendidos e eruditos".

Em que sentido deve ser colocada uma crítica a Brasília?

Que raciocínio deve conduzir a apreciação dos méritos ou defeitos de semelhante planejamento urbano? Por enquanto, limitar-nos-emos a formular respostas a essas perguntas, para, oportunamente, fazer uma síntese da significação e do valor do plano do arquiteto Lúcio Costa, confrontando e debatendo críticas sobre a questão.

Uma cidade (preferimo-nos àquelas que se formaram sem planejamento) não nasce por acaso. Não resulta da simples vontade de alguns homens encantados com a beleza de uma região ou com o clima de determinado lugar. Ela se propõe, antes de mais nada, a servir de abrigo a um núcleo humano organizado — segundo Intenções Sociais. A palavra abrigo e empreitada não só em seu sentido físico, mas significando, também, proteção às atividades humanas em seus mais diversos aspectos. Uma cidade, portanto, representa e reflete uma organização social. É claro que para a sua formação contribuem outros fatores de adaptação climáticos, regionais, etc., na medida em que concorrem fisicamente para o desenvolvimento das atividades características do grupo humano que se estabelece. O desenvolvimento e o aspecto formal das cidades irá, portanto, refletir a natureza das relações sociais dos grupos que a constituem. A correta organização de nossas atuais cidades exprime claramente a adequação de um conjunto de formas de morar e de trabalhar a uma contraditória e anárquica organização social.

"Na perspectiva histórica a cidade é o resultado do trabalho humano acumulado em

milhares de anos. Ela é o reflexo mais fiel, tanto em sua forma plástica como em seu conteúdo social, da vida coletiva em cada etapa da evolução humana. Sua história é a história da sociedade. E, na história da sociedade, a produção social é o índice básico da relação entre os homens e a natureza e, também, um índice das relações dos homens entre si, das relações sociais — O grau de desenvolvimento das forças produtivas sociais determina as relações entre os homens em cada etapa da história, não só as relações de produção — estrutura econômica — como, também, e determinadas por esta, relações jurídicas e políticas, e até uma consciência social (Marx, citado pelo autor). A cidade, expressão mais perfeita da vida coletiva em cada história, não poderia deixar também de ser determinada em seu sentido e em sua plástica pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas sociais". (Prof. Edvaldo Pereira Pinna, em seu profundo trabalho "A Urbanística e a Realidade Brasileira" in Cadernos de Estudos do Centro de Estudos Universitários de Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul).

A análise objetiva de qualquer planejamento urbanístico deve ter sempre presente que ele se destina a determinar condições sociais e que, assim, o grau de acerto que se lhe deve atribuir terá função da maneira pela qual o urbanista conseguiu — usando de um lado conhecimentos da moderna técnica e de outro, sensibilidade artística e humana — em primeiro lugar, apreender o caráter das con-

dições de um determinado tipo de sociedade em determinada época histórica, para, em seguida, propor uma estrutura formal que permita o pleno desenvolvimento das necessidades sociais. Uma sociedade de tipo capitalista, ou, mais adequadamente, numa sociedade dividida em classes antagônicas, o problema cresce em complexidade. A estrutura proposta pelo urbanista tem que levar em conta interesses diversos e fundamentalmente irredutíveis. As contradições e os antagonismos da sociedade capitalista geralmente propõem problemas e, ao mesmo tempo, impedem muitas de suas soluções, uma vez que são essencialmente resultantes da própria estrutura da sociedade. Dali resultam todas as principais falhas e defeitos atribuídos logo pelos observadores superficiais, a características próprias do planejamento urbanístico no caso de Brasília. A simples análise de resultados objetivos deve



Capela em Brasília, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer.

ser, portanto, relativa. A função da crítica deve ser a de verificar até que ponto esses resultados são capazes de amadurecer a violência dos contrastes humanos na cidade nova. O planejamento deve ter como mérito a capacidade de servir de estrutura ativa, capaz de permitir e facilitar o desenvolvimento das ideias e apreensões mais justas das condições a que se destina.

Uma análise do planejamento de Brasília deve, pois, ser colocada nos seguintes termos: no julgamento de até que ponto a estrutura formal (estética, técnica e humana) proposta pelo urbanista será capaz de adaptar-se e resistir a natureza das relações que nela se desenvolverão, enquadrando-as dentro de dimensões profundamente humanas.

TEATRO

«PROCESSO EM FAMÍLIA» E «IDADE PERIGOSA»

As estréias continuam se multiplicando, de tal modo que a única maneira de se estar, mais ou menos, em dia é juntar mais de um espetáculo em um só comentário. A Cia Teatro do Rio que se abria, provisoriamente, (está construindo teatro próprio em Ipanema) no Teatro São Jorge, sito à Rua do Catete encenou diríamos perpetrou essa coisa. Esse equivoco, que se intitula «PROCESSO EM FAMÍLIA», de Diego Fábri. Equivoco injustificável por se tratar de um grupo de gente nova, muito jovem mesmo, rapazes afetados a ver e fazer teatro desde a adolescência. Comparemos a estréia por dever de ofício, já sabendo, entretanto, que fomos assistir a um teatro decadente e de mau-gosto. Mas o espetáculo excedeu à nossa pior expectativa. Custa a crer que ainda exista alguém com um mínimo de conhecimento de teatro que se aventure a encenar as peças desse autor. «Processo em Família» é um dramalhão em que entram todos os componentes do mais lacrimoso e pieguismo. E como se tal não fosse suficiente, temos ainda o personagem rude, grosseirão, malvado, que esbofetela a companheira e cuja conduta é explicada com o epíteto de "comunista". Houve tempo em que tais recursos surtiam seus efeitos. Hoje, porém, quem lance mão deles só pode cair no ridículo, pois ninguém que raciocine, pouquinho coisa, aceita mais a lenda de primitivismo e barbarismo atribuída a uma imensa parcela da humanidade, que adota tais ideias e, com elas e por meio delas, realiza grandiosos feitos no terreno da cultura, das ciências e das relações humanas. Estas as considerações sobre a peça. Quanto ao espetáculo em si: cenários bons, belos efeitos de iluminação. Interpretação ruim, de um modo geral, especialmente a da atriz Aurora Aboim, que consegue, com várias décadas de atuação nos palcos brasileiros, falar como se tivesse cuidado ontem de Portugal.

«IDADE PERIGOSA» no Ginástico

O Teatro Brasileiro de Comédia lêz bem em convidar Madame Morneau para dirigir o seu elenco. É, inevitavelmente, uma grande diretora. A peça, de autoria dos jovens autores James Herlihy e William Noble não possui, sob o ponto-de-vista teatral, grandes méritos. Possui, entretanto, um conteúdo positivo abordando de maneira muito humana o problema da incomunicabilidade entre pais e filhos, em um sentido mais amplo, a dificuldade de entendimento entre duas gerações. Não há juventude transviada; há alguns jovens que desejam e buscam chamar a atenção e despertar o interesse dos pais para seus problemas, pedindo-lhes solução. E há os pais do jovem protagonista que apesar de amorosos e dedicados, demasiado absorvidos em seus próprios problemas continuam vendo nos filhos crianças inocentes, alheias às preocupações decorrentes da idade. Boa direção, bom desempenho, (com restrições quanto a Suzana Negri, ainda muito imbuída do personagem da peça anterior).

BEATRIZ BANDEIRA

«BRASIL DE HOJE»

Já esta circulando o n.º 55 dessa revista, que publica, entre outros, os seguintes trabalhos: Não Integralizaram ainda o seu capítli as Cias. de Carris e Jardim Botânico; Nova, e perigosa investida do estatismo; Cr\$ 216 milhões para a compra de 15 aviões usados, os gaúchos querem a encampação imediata da Cia. de Energia Elétrica; O cinema é bom negócio (V); A indústria aeronáutica nacional (II); Por que a carne continua a ser boicotada; Um plano original e simples para Intensificar a arrecadação municipal; Os paradoxos da nossa evolução econômico-social; Panorama do café no Brasil; Desde 1938 não pertencem a Jackson os direitos autorais de Machado de Assis.

O MUNDO QUE EU VI

ENEIDA

SHANGAI

Quando eu cheguei em Shangai, levada por um aviãozinho chinês doído, doído, encontrei-a em floz, Paz, Paz, podem os anéis lunares e os cartazes, Paz, Paz. Queremos construir e, portanto, queremos paz, grita a China inteira. Oito horas de viagem, parando aqui e ali, num passarinho chinês. Olha-se para baixo e lá está a terra plantada, as estradas enormes ligando Comunhas Populares o traço das estradas de ferro.

Shangai, depois de Leningrado é a cidade mais linda que conheço. Quem não lembra Shangai apresentada pelos filmes americanos? Calor, música, vilas variadas. Isso tudo acabou. Ela é hoje uma cidade moderna, clara, limpa, uma cidade onde outrora os chineses eram tratados e chamados de cães e que possui agora seis milhões de habitantes só no centro urbano e mais quatro milhões residentes nos subúrbios. É a maior cidade da China. Aqui tudo é do povo, para o povo. A Avenida do Povo é ampla e clara. Vou ouvindo: — aqui era o quartelão do comércio francês, aqui era o do inglês. São geralmente casas altas e bonitas.

Hoje, aqueles palácios e imensas casas senhoriais que pertenciam aos estrangeiros são habitações coletivas.

Movimentada, Shangai é bela com seu porto, mar, gente sentada nos bancos alçando o movimento marítimo. Os franceses possuíam um vasto local para corridas de cachorros. Sim, cachorros, cachorros. Os chineses de Mão-Tse Tung construíram, nesse local, um teatro para 14 mil espectadores. A platéia é apenas fechada em cima: aberta dos dois lados. Chama-se «Encontro do povo».

Shangai tem 46 teatros. A vida cultural é intensa. Possui cinquenta e seis grupos teatrais. Antes da Libertação havia dois milhões de desempregados, chineses, naturalmente. Os trabalhadores podiam somente morar no subúrbio e num bairro onde não passavam automóveis, bondes, nem ônibus.

O problema da habitação na China ainda não foi inteiramente resolvido. A população aumenta, o governo está empenhado em dar moradia condigna à toda gente, mas ainda não foi possível levar à prática essa tarefa. Mas a Shangai de hoje é uma cidade industrial, com um milhão e seiscentos mil operários e seis mil empregados em diversos ofícios e profissões.

Portuários (Com Plebiscito) Afastaram o Traidor Da UPR

Fato inédito na história do sindicalismo brasileiro — O Presidente da União dos Portuários do Brasil foi afastado do cargo 9 meses depois de eleito.

Os trabalhadores portuários do Rio de Janeiro, 9 meses após a eleição da Diretoria da sua entidade de classe, concluíram que tinham votado muito mal, porque o presidente eleito, sr. André Alves da Costa, logo que foi investido no cargo começou a agir contra os interesses da numerosa classe. A descoberta da traição levou os portuários a introduzir uma inovação no movimento sindical — o plebiscito para confirmar ou não o mandato do dirigente que não correspondeu à confiança dos seus companheiros. A realização do plebiscito foi decidida numa grande assembleia da

União dos Portuários do Brasil, e os trabalhadores, no último dia 10, foram chamados a votar a favor ou contra a permanência do sr. André Alves da Costa na pre-

sidência da UPR. Pouco depois, sob calorosos aplausos dos trabalhadores, era conhecido o resultado da votação: 1.258 votos contra a permanência do sr. André, 234 a favor, e 161 anulados. A eleição de um novo presidente será realizada dentro de 90 dias.

Esse acontecimento se reveste de grande significação. Pela primeira vez, tal ocorrência é registrada na vida das entidades sindicais ou dos profissionais e trabalhadores em nosso país.

Não podemos deixar de salientar, nestas notas, o progresso que os portuários experimentaram no terreno das últimas ações, quando a organização sindical ne-

de a sua entidade, a UPR, embora com 13 anos de existência, abriu as suas portas para os trabalhadores. A União era um organismo fechado aos associados. Um Conselho arbitrariamente escolhido era quem decidia, alheio à vontade dos trabalhadores, o que fazia ou deixava de fazer. Esse Conselho era, antes de tudo, um instrumento nas mãos da administração do Porto para perseguição aos trabalhadores.

VIGILÂNCIA
No pleito realizado no dia 30 de março deste ano, para a renovação da diretoria, concorreram 3 chapas, sendo eleita a encabeçada pelo sr. André Alves da Costa. As

várias correntes que atuam entre os portuários não souberam encontrar unidade necessária para eleger um presidente à altura das aspirações dos trabalhadores. Com a dispersão de votos foi possível a vitória do sr. André, com a pequena maioria de 142 votos sobre o segundo colocado.

Pleito a diretoria encabeçada pelo sr. André os trabalhadores do porto aguardavam sua atuação com vigilância. No dia da posse seu discurso não agradou posto que ele se colocou como fiel servidor não dos seus companheiros, mas das autoridades ali presentes do Ministério do Trabalho e da Administração do Porto. Seus atos posteriores, vieram confirmar o conteúdo de seu discurso de posse.

Na assembleia do dia 11 de novembro sua atuação política foi notória. A assembleia foi dissolvida pela polícia, obedecendo a um plano do sr. André, que tinha em vista dois objetivos fundamentais: afastar os portuários para continuar tranquilamente a frente da UPR, e impedir qualquer tentativa de convocação de novas assembleias. Mas os tempos são outros e disto não se havia apercebido o sr. André.

Nota assembleia foi convocada pelos associados, de acordo com os Estatutos. No dia 26 de novembro os portuários realizaram a esperada assembleia, tendo antes tomado todas as medidas para a sua proteção: foram expedidos convites aos representantes do Ministério da Guerra, a deputados de vários partidos e outras autoridades, e providenciaram também um sistema de vigilância contra qualquer tentativa de perturbação dos trabalhos.

O sr. André também tomou suas providências, chamando a polícia que não encontrou clima e meios para intervir. Foi precisamente nessa assembleia, com um comparecimento duas vezes maior que na anterior, que os trabalhadores aprovaram, em meio a grandes e acalorados debates, a realização do plebiscito.

Agora, depois que afastaram da presidência da UPR o elemento que levou a sua queda, e que foram um belo exemplo de vigilância aos trabalhadores de todo o país, os portuários, dentro de 90 dias, serão chamados a eleger um novo presidente para dirigir a sua entidade de classe — a União dos Portuários do Brasil.

Greve Vitoriosa 18 MIL AEROVIÁRIOS ROMPERAM (A JATO) A BARREIRA DA FOME

Com a realização de uma greve a jato, os 18 mil aeroviários conseguiram romper a barreira da fome imposta pelo Governo e empresários, conquistando um aumento salarial de 35% em um ano de Cr\$ 2.500,00 e o máximo de 7.500 cruzeiros. O movimento durou apenas três dias, chegando a determinar o colapso total em várias linhas de vôo e a suspensão de mais de 50% das viagens aéreas em todo o país.

Os empregados negaram-se a conceder o aumento pleiteado pelos aeroviários, senão que antes conseguissem algumas vantagens do Governo, entre as quais novas subvenções, e a diminuição do preço do dólar para compra de peças importadas. O presidente Kubitschek, o ministro Fernando Nóbrega e seus auxiliares, por outro lado, resolveram estabelecer o que se pode denominar de barreira da fome, através da determinação expressa de que não se concederia nenhum reajustamento salarial superior a 30%, que é a porcentagem correspondente à elevação do custo da vida no período de dezembro de 1958 a novembro de 1959, segundo estatísticas do SEPT.

O Governo, segundo afirmavam os seus porta-vozes durante os entendimentos com os aeroviários, não concederia nenhum aumento superior a 30%, sobretudo para não abrir precedentes a outras categorias de trabalhadores. A infeliz argumentação das autoridades teve a imediata resposta dos aeroviários que não estavam pedindo aumento para pagar as despesas feitas no ano que finda, cuja elevação do custo da vida, segundo as estatísticas divulgadas do SEPT, foi de 30%. Os aeroviários pleiteavam uma elevação salarial não para fazer face ao custo da vida em novembro de 1959, mas para enfrentar todo o período de duração do novo acordo que irá até dezembro do ano vindouro. Daí a sua decisão de rejeitar um aumento relativo apenas aos dados sobre o custo da vida até novembro passado, quando agora mesmo, em dezembro, foi um brutalmente elevados os preços do feijão e da carne.

Mas os aeroviários não se intimidaram e romperam a barreira da

fome imposta pelo Governo, ultrapassando o limite dos 30% e conquistando o aumento de 35%, com o mínimo de 2.500 e o máximo de 7.500 cruzeiros, graças à sua firmeza, e a solidariedade que receberam de todos os trabalhadores que, como eles, se dispõem a colaborar com o Governo em todas as medidas de defesa da democracia e da emancipação nacional, mas repelem com energia todas as tentativas de se descarregar sobre os ombros das massas trabalhadoras todo o peso das dificuldades que o país atravessa.

NOVOS SÓCIO
A greve dos aeroviários não conseguiu apenas a vitória salarial, mas os fatos de importância marcaram o grande movimento paralisista dos trabalhadores da aviação comercial, entre os quais pode-se citar a sindicalização de cerca de mil novos sócios, 460 dos quais ingressaram na Capital da República.

O Departamento de Divulgação e Publicidade da greve teve uma atuação relevante no esclarecimento dos trabalhadores, das auto-imagens e da população acerca do movimento grevista. Diariamente se imprimia o Boletim da Greve, dando um resumo dos acontecimentos e a justificativa da conduta dos aeroviários.

Centenas de telegramas via Western eram expedidos para todo o país, comunicando, a cada momento, o resultado de todos os encontros que se processavam com as autoridades e com os empregadores. Esse contato permanente do Comando com os agrupamentos de trabalhadores espalhados por todo o país, constituiu fator inestimável para reforçar a unidade do movimento.

Os boletins da greve eram levados, diariamente, a todas as entidades sindicais, clubes, associações, parlamentos e imprensa, e a imprensa, que se mantinha devidamente informada sobre a marcha dos acontecimentos.

A MANOBRAS DO DISSÍDIO
A greve vitoriosa dos aeroviários constituiu também um golpe de morte na tentativa de se obter a concessão do aumento salarial através da instauração do diálogo coletivo "ex-ultio". O sr. Alberto Louço, diretor interno do DNT, atendendo aos interesses dos empregadores havia sugerido aquela medida, antes de se esgotarem as possibilidades de um entendimento para a renovação do antigo acordo salarial, que se extinguiria no dia 16 do corrente. A instauração do diálogo coletivo determinou a precipitação dos acontecimentos. Os aeroviários estavam dispostos a negociar, mas não a esperar indefinidamente uma solução da Justiça do Trabalho. Daí a declaração da greve a zero hora no dia 9. A primeira exigência de emulação que estava mantida para esse mesmo dia, se não as havia sido suspensa, a pedido do sr. João Goulart, vice-presidente da República. Enquanto isso, a greve prosseguia em todas as aeronaves nacionais, e contando com a

solidariedade dos sindicatos das mais diversas categorias representando milhões de trabalhadores.

AMEAÇA FRUSTRADA
Alguns jornais reacionários, entre eles "O Globo", foram destaque às ameaças do sr. Ayrton Salles Coelho, diretor do DNT, afirmando ao comando aeroviário que a greve calaria na ilegalidade se não fosse solucionado o impasse antes da audiência de conciliação, convocada para as 16 horas do dia 12. Ao mesmo tempo que corriam essas notícias, os aeronautas, os homens do vôo, preparavam-se para a realização da assembleia onde também resolveriam deflagrar a greve de solidariedade aos seus colegas aeroviários, e do protesto contra o vôo em condições de insegurança. Novas manifestações de apoio chegam ao comando grevista. A decisão dos trabalhadores de permanecer de braços cruzados até que tivessem as suas reivindicações atendidas permanece inabalável. Não havia sinal de fraqueza. Ao contrário, o movimento cresce e se lançando por terra todas as ameaças que contra ele se faziam. Não houve audiência das 16 horas. A greve não foi considerada ilegal e os trabalhadores acabaram vitoriosos com o estabelecimento de uma fórmula conciliatória, pela qual foi firmado o seguinte acordo:

Cláusula 1.ª — Será concedido pelas Empresas um aumento geral de 30 por cento calculado sobre os salários vigentes e os tetos de Cr\$ 2.500,00 mínimo e de Cr\$ 7.500,00 máximo.

Cláusula 2.ª — Respeitados e não ultrapassados os referidos tetos as Empresas se obrigam a, excepcionalmente, neste acordo, conceder mais um acréscimo de 5 por cento também calculado sobre os salários vigentes a toda categoria profissional beneficiada neste acordo.

Cláusula 3.ª — O aumento constante das cláusulas primeira e segunda vigorará a partir de 16 de dezembro de 1959.

Cláusula 4.ª — Serão compensados os aumentos esporádicos concedidos pelas Empresas após 16 de dezembro de 1958 exceto os decorrentes de promoção de antiguidade ou merecimento.

Cláusula 5.ª — Os menores rendimentos terão preferência por cento do aumento fixo mínimo estabelecido na cláusula primeira.

Cláusula 6.ª — Não haverá demissões nem suspensões por motivos de participação no movimento de greve.

Cláusula 7.ª — O presente acordo terá vigência até 15 de dezembro de 1960, sendo facultados os entendimentos entre as partes 30 dias antes do seu término.

Cláusula 8.ª — Serão descontados 20 por cento do aumento de salário ora acordado no mês de fevereiro de 1960, em favor dos respectivos Sindicatos profissionais salvo impugnação mantida por escrito até o encerramento de 15 de janeiro de 1960.

Cláusula 9.ª — O retorno ao trabalho será a todas as horas normais a partir da zero hora do dia 12 do corrente, com tolerância de 24 horas.



Aspecto da mesa que dirigiu os trabalhos de apuração do plebiscito. Ao centro o vice-presidente da União dos Portuários do Brasil, Davis Josetti, que presidiu os trabalhos.

Funcionários Iguazuanos Querem o Salário Mínimo

O Conselho Sindical dos Trabalhadores de Nova Iguaçu lançou um manifesto de apoio à luta dos funcionários municipais, que ainda hoje recebem vencimentos de 2.100 cruzeiros, e que há mais de dois anos vem pleiteando o pagamento do salário mínimo. O documento, que é firmado por numerosos dirigentes sindicais, condena, no mesmo tempo, as medidas adotadas pelo prefeito e alguns vereadores visando a elevar as taxas e impostos municipais. A elevação dos impostos, a pretexto de atender as reivindicações do funcionalismo, só viria, de fato, agravar ainda mais os problemas dos trabalhadores, inclusive os da prefeitura, que teriam de enfren-

tar uma nova onça de carnestia, motivada pelos novos impostos. Os dirigentes sindicais denunciam a demagogia do prefeito Arnaldo Negretes, e do sr. Márcio Guimarães, que prometem pagar o salário mínimo aos funcionários, e que até hoje não cumpriram a promessa feita durante a campanha eleitoral. Ainda hoje, os trabalhadores da Prefeitura de Nova Iguaçu ganham 3 mil cruzeiros mensais, e as professoras 2.100 cruzeiros. O documento é assinado pelos dirigentes sindicais Antônio de Souza, da construção civil; Ulisses Joaquim da Silva, de produtos químicos; Oswaldo Valente de Azevedo, da União dos Ramalhos, da UNSP, etc.

ção municipal: Sebastião dos Santos, metalúrgico; Wan-elino Coelho de Oliveira, comerciante; Walter Moraes, padre; Waldemir de Valentin de Souza, indústria de construção; Waldir da Silva Rocha, da indústria de artefatos de borracha e outras.

CONSELHO SINDICAL DE SÃO PAULO

Na reunião do plenário paulistano do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, realizada no dia 10 último, deliberaram os sindicatos da Capital:

- a) — Enviar telegrama de protesto veemente ao Senado, pela aprovação, por uma de suas comissões, do projeto Jefferson Aguiar, sobre o direito de greve, por considerá-lo uma afronta ao pronunciamento de milhares de dirigentes sindicais, reunidos no II Congresso Sindical;
- b) — Solicitar medidas urgentes das Conferências de trabalhadores, para protestar contra a aprovação do projeto J. Aguiar;
- c) — Solicitar reunião do Conselho Sindical dos Trabalhadores (plenário estadual) para deliberar a respeito.

Suplemento Especial de NOVOS RUMOS Sobre Inflação e Carestia

NOVOS MUNDOS, publicação, brevemente, em suplemento especial, o resultado das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos de Economia Marxista, especialmente constituído, por iniciativa de nosso jornal, para tratar do problema da inflação e da carestia. A INFLAÇÃO NO BRASIL: SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E MEIOS DE COMBATE-LA, sob o título dessa contribuição dos marxistas para o debate de seus problemas de extrema importância, atualmente, para todo o povo brasileiro. Aguardem portanto, em sua próxima edição, esta importante publicação de NOVOS RUMOS.

A Comissão de Legislação Social do Senado Federal aprovou, por maioria de votos, o substitutivo Jefferson de Aguiar, que multa e anula o direito de greve. Foram rejeitados os dois senadores Calado de Castro, Alípio Viveiros e o falecido senador Siqueira Neves, sendo que este sustentou o projeto quando da Câmara dos Deputados. Assim vai a plenário o substitutivo Jefferson de Aguiar.

Cresce, desta forma, a responsabilidade do movimento sindical, principalmente depois da realização da 2ª Conferência Sindical Nacional. Torna-se necessário reunir todos as forças dos trabalhadores, em todos os recantos do país, para derrotar os legisladores que desejam aprovar esse monstruoso na sessão extraordinária do Congresso Nacional, convocada para os dias 18 de janeiro a 25 de fevereiro do ano vindouro.

Esses senadores mantêm-se intransigentes contra os direitos expressos na Constituição e estatutos dos trabalhadores. Alega, por exemplo, o senador Jefferson de Aguiar, que projeto de acordo com o Conselho de Seguros Nacional, o Ministério do Trabalho e outros juristas. Não há, entretanto, que não se também, as organizações patronais, que tem grande número de senadores e deputados a seu serviço.

No Senado, também, já foi apresentado um novo substitutivo ao projeto de Lei Orgânica da Previdência Social. É uma manobra de retardar a tramitação do projeto e complicar o seu conteúdo. E cada novo substitutivo (já e mania dos senadores) vai anulando os direitos assegurados no projeto original. Agora este último, de autoria do senador Djalmito Rosado Maia, do PR do Rio Grande do Norte, também anula a exclusividade do seguro de acidente para as instituições de previdência, retira vários direitos que foram já consagrados no projeto original

ASSINE "NOVOS RUMOS"

Um Maior e Mais Forte Impulso

ROBERTO MOREIRA

da Câmara dos Deputados e substituído pelo substitutivo Lima Teixeira.

Terminada esta Sessão Legislativa com ambos os projetos encaminhados. A força da classe trabalhadora não conseguiu vencer as resistências do poder econômico que tem tantos representantes no Senado Federal. Ainda não foi esse ano que vimos ambos as leis aprovadas.

Mas, sentiam os senadores a disposição de luta dos trabalhadores quando os delegados à 2ª Conferência Sindical Nacional, em termos veementes, protestaram contra as proclamações e ameaças de multar aqueles dirigentes. O senador Jefferson de Aguiar, por usar de todos os meios para se virar da vista que recebeu nessa visita. A classe trabalhadora tinha, em apoio do povo e dos autênticos representantes do povo, seria vitoriosa.

O que não se deve fazer é esperar um só instante a nossa luta. No dia 18 de janeiro próximo o Parlamento Nacional voltará a se reunir. Foi convocada, especialmente, para aprovar várias leis necessárias ao país e ao povo. Entre elas a Lei Orgânica da Previdência Social e a que regulamentará o exercício no Direito de Greve.

Não pode a classe trabalhadora insuportar nos transtornos obtidos até aqui a aprovação dessas leis. Mas com a força que vai adquirindo, não passará da próxima sessão extraordinária.

Este é o compromisso de honra que todos os trabalhadores e as organizações devem assumir. Estamos certos de que serão vitoriosos.

FEDERAÇÃO DOS ESTIVADORES TEM NOVA DIRETORIA



Com a apresentação de uma chapa única, realizaram-se no dia 12 do corrente as eleições para a diretoria da Federação Nacional dos Estivadores. Vitoriosa no pleito, foi a chapa unitária constituída dos srs. Osvaldo Pacheco da Silva, presidente; Eufrásio Nunes Galvão, secretário; Miguel Freire da Silva, tesoureiro; José Lopes da Silva, Eudéa Rodrigues de Moraes, e José da Silva Pinto, suplentes da diretoria; Photônio Pinto Coelho, Laerte Carneiro da Silva e José Santos, Conselheiros. Preterito José da Silva, José da Cruz, Aldemar Souza da Silva, e Estanislau Eli Cardoso, suplentes. A cerimônia de posse realizou-se no próximo dia 30, às 20 horas, na sede da entidade.

Osvaldo Pacheco da Silva.

BANCOS ESTRANGEIROS: SANGUESSUGAS DA ECONOMIA NACIONAL

Com pequenos capitais registrados, e xportam para o estrangeiro quantias fabulosas — Bancos nacionais: para cada 100 cruzeiros depositados, emprestam 110; bancos estrangeiros: em cada 100, emprestam apenas 79 — Solidariedade continental só funciona contra o Brasil — Luta pela nacionalização dos bancos de depósito.

Os bancos estrangeiros que operam no Brasil constituem uma das principais fontes de fuga de divisas para fora do país...

sitos de todos os bancos que operam no Brasil e que ascendem a 411,5 bilhões de cruzeiros...

tos emprestaram apenas 79 cruzeiros. Os 21 cruzeiros restantes foram emprestados...

DEPESA DO PAIS

Tal situação, diz o conferencista, chamou a atenção dos brasileiros, que, notadamente a partir de 1930, passaram a estudar medidas visando a por fim a essa perniciosa atividade...

A propósito do assunto, foi pronunciada recentemente no Instituto dos Advogados Brasileiros, interessante conferência pelo dr. Ivani de Amorim Araújo...

Supondo que todo o capital registrado seja de procedência estrangeira — o que hoje não é certo — vê-se que, anualmente, uma quantia variável...

DEPOSITOS E EMPRESAS

A exploração passiva do fato reside em que os bancos estrangeiros vinculam-se menos que os nacionais às atividades do comércio e da indústria...

Assim, conforme revela o estudo do dr. Ivani Amorim, enquanto os bancos nacionais, em 1958, emprestaram 110 cruzeiros para cada 100 cruzeiros recebidos em depósito...

CAPITAL FICTICIO

São as próprias estatísticas oficiais que fornecem os elementos reveladores do absurdo da atuação dos bancos estrangeiros no Brasil...

O mencionado projeto de lei, que nada tem de radical, objetiva estabelecer critérios iguais aos existentes nas legislações bancárias dos países mais desenvolvidos...

Em relação mesmo ao Brasil, há um caso recente e bastante expressivo: o do Banco da Lavoura de Minas Gerais...

lhe é possível, entretanto, receber depósitos em conta corrente de norte-americanos...

A nacionalização dos bancos de depósito foi um dos pontos firmados na recente reunião da bancada federal do PTB...



O advogado Ivani Araújo, que denunciou a espoliação do Brasil pelos Bancos estrangeiros.

ASSIM FUNCIONAM AS BOMBAS DE SUCCÃO

BANCOS	(Cr\$ 1 milhão)				
	1958/1959	Remessa para o Exterior	Balancos em 31-12-58	Capital	Depósitos
Bank of London and South America	241.101	240.411	100.000		3.056.164
Banco Holandês Unido S.A.	83.295	12.582	40.000		853.510
Banco Italo-Belga	70.017	51.912	75.000		455.524
The First National Bank of Boston	59.792	56.856	110.000		1.413.265
The City Bank of N. York	822.907	603.000	200.000		7.081.078
The Royal Bank of Canadá	109.230	73.535	80.000		1.339.336
Total	1.386.230	1.038.289	605.000		14.178.879

O quadro acima, que reproduzimos da revista "Câmbio" periódico à base de dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

PEDRO ALVAREZ NA ASSEMBLEIA DO R. G. S

Imposto Territorial Contra o Latifúndio

O deputado estadual Pedro Alvarez vem de apresentar à Assembleia do Rio Grande do Sul um projeto modificando radicalmente a incidência do imposto territorial...

Prevê ainda o deputado Pedro Alvarez que seja feita até junho de 1960 a atualização do valor das propriedades agrícolas para fim de taxação...

Calcula o deputado Alvarez, na justificativa de seu projeto, que a receita fornecida aos cofres estaduais pelo imposto territorial aumentaria do nível atual de 125 milhões de cruzeiros para dois e meio bilhões...

COMBATE AO LATIFUNDIO

Na justificativa de seu projeto, o deputado Pedro Alvarez chama a atenção para a necessidade de combater o latifúndio, responsável principal pelo atraso de nossa agricultura...

Levando em consideração a necessidade de incentivar a pequena propriedade e as explorações de alto rendimento, o projeto prevê ainda a isenção de imposto territorial para as propriedades até 25 hectares efetivamente utilizadas...

Atílio Vivacqua no Senado:

Depois Do Acôrdio: Relações Diplomáticas Com URSS e China

No dia seguinte à assinatura do acordo comercial entre o Brasil e a União Soviética, o senador Atílio Vivacqua pronunciou no Senado um discurso em que elogiou o Governo por ter dado o primeiro passo na normalização de nossas relações diplomáticas...

pela missão brasileira em Moscou, observou o senador do Partido Santo que "qualquer que sejam os pontos de vista ideológicos em que estejamos colocados perante o regime soviético, teremos que reconhecer a importância histórica deste evento..."

Também o senador as nossas tradições de país pacífico e democrático e atribuiu as amplas perspectivas de progresso que se abrem diante do Brasil...

Depois de salientar a importância do acordo firmado...

o justifica com referência à República Popular da China...

INCENTIVAR O INTERCAMBIO

Depois de citar os termos do acordo para a troca de produtos entre os dois países, Brasil e senador que não podemos nos limitar ao plano puramente comercial...

(Conclui na 10ª página)

NOTA ECONÔMICA

INFLAÇÃO E CARESTIA

A revista "Desenvolvimento e Conjuntura", órgão da Confederação Nacional da Indústria, vem assinando, ultimamente, posições de franca luta em defesa dos interesses da burguesia industrial brasileira contra o latifúndio e o imperialismo...

tura monopolista de comercialização da safra agrícola, e afirma: "Tudo isso demonstra a importância enorme da supressão de intermediários, numa política de abastecimento..."

Em sua edição de novembro, a revista apresenta esta sua posição de luta contra aquela interpretação que o imperialismo e o latifúndio afirmam para o fenômeno da inflação e da carestia...

falta de uma política de conjunto do Governo, para enfrentar a situação criada com a superprodução de café. "Não é possível levar a cabo uma política elétrica de café com preconceitos políticos..."

Como exemplo de hesitação e preconceito político, a revista cita a questão das relações com a URSS. "Quando escrevemos este trabalho, fala-se outra vez no restabelecimento de relações comerciais com o Brasil com a URSS..."

"Desenvolvimento e Conjuntura" critica então a alternativa que o Governo tem adotado para a política de limite junto aos produtores e para o expansão do comércio com os socialistas...

Assim, ao atual surto das exportações, em número de sacas, seguiu-se inevitavelmente uma queda, pois os grupos monopolistas inaque, com seus estoques abarrotados, deteram uma força decisiva para manobras baixistas...

NA ROTA DO ABASTECIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

Produtor e Consumidor "Pagam o Pato" Enquanto Açambarcadores "Comem Sólto"



Atualmente, já não adianta a dona de casa ir à feira para comprar mais barato. Também lá a caçaria se faz presente.

De algum tempo para cá, principalmente por meio dos jornais, veio a público a dis-

Comitê Lott na Ilha do Governador!

No próximo dia 19, às 20 horas, será realizada a cerimônia de posse da primeira diretoria eleita do Comitê Popular de Voluntários do Marechal Lott, à Rua Gaspar de Souza, 16, ap. 101. A solenidade deverão estar presentes, além do ministro da Guerra e candidato à presidência da República, o deputado Ultime de Carvalho e outras personalidades do Comitê Central pró-candidatura Lott.

A diretoria de mais esse núcleo nacionalista está assim constituída: presidente, Otávio Gomes de Carvalho; vice-presidente, Antônio Elias Barca; 1º secretário, Amaury Pinto Ribas; 2º secretário, Ivete de Castro Rosa; 1º tesoureiro, Flávio Pedreira; 2º tesoureiro, Walber Pedreira.

PRESTES:...

(Conclusão da 12ª página)

ção de realizar palestras sobre nosso país, seu desenvolvimento econômico, político e social e as lutas de nosso povo pela paz, a democracia e o progresso. É evidente que o carimbo e a deferência com que me receberam e o vivo interesse com que me ouviram traduzem apreço pelo nosso povo e admiração por sua combatividade. Todos vêm em nossa luta pela completa emancipação nacional e por uma contribuição à grande causa da defesa da paz no mundo inteiro.

Como patriota, desejava que nossos homens públicos visitassem em maior número a União Soviética, a República Popular da China e os outros países do campo socialista, talvez pudessem compreender o erro que cometem ao concordar com a atual política externa de subordinação ao governo dos Estados Unidos, política que restringe nosso comércio externo e que vela o estabelecimento de relações diplomáticas com Estados que não possuem e cujos povos incontestavelmente já constituem a parcela mais avançada da humanidade em todos os terrenos. Esperamos que o acordo comercial que se encontra em discussão entre o Brasil e a União Soviética contribua para uma mais rápida correção da política tão insensata e prejudicial ao nosso país.

Depois de ler a declaração, Prestes passou a responder as perguntas dos jornalistas, versando principalmente sobre problemas políticos brasileiros do momento. Sobre esta parte do encontro te publicamos...

posição da Secretaria da Agricultura de extinguir as feiras-livres do Distrito Federal. A notícia, várias vezes desmentida, voltou a ser veiculada na semana passada e foi novamente desmentida pelo Sr. Lopo Coelho, atual secretário da Agricultura. Segundo apuramos, trava-se há muito uma grande batalha de influência em torno do assunto, não tendo havido vencedor até o momento.

Nessa batalha, dois grandes grupos se chocam: por um lado os "donos" do Mercado Municipal, que com os tubarões da Rua do Azeite são os maiores açambarcadores do mercado de gêneros alimentícios do Rio, e, por outro lado, o grande comércio de mercadorias e supermercados, Discos, Casas da Banha, Mercenárias

Nacionais à frente. Os açambarcadores do Mercado Municipal controlam quase todo o comércio das feiras-livres, quer pelo fornecimento de gêneros, quer pela atuação direta de prepostos. As grandes empresas comerciais, depois de terem esmagado os concorrentes do pequeno comércio, só têm pela frente, como obstáculo de vulto, contra seu monopólio dos gêneros alimentícios, as feiras-livres, que ainda fornecem mais da metade dos alimentos consumidos pela população do Rio.

Nessa longa novela que é o abastecimento do Distrito Federal, com seu enredo dos mais complicados, dois personagens fazem "triste figura": o produtor e o consumidor, que são os que menos influem e menos se beneficiam. E sobre esta novela que iremos falar,

procurando mostrar suas intrigas mais importantes.

IMPORTANCIA DAS FEIRAS

A população da capital do país consome diariamente cerca de três mil e quinhentas toneladas de alimentos, sendo que, desse total, mais de duas mil toneladas são fornecidas pelas 150 feiras-livres que se realizam diariamente em todos os bairros. Três quartas parte dos legumes, verduras e frutas consumidos são comprados na feira, o mesmo acontecendo com metade do pescado.

A maior parte das feiras, três quartos, se concentra nos bairros operários da Zona Norte e do Subúrbio, servindo aos trabalhadores que não têm recursos para adquirir alimentos aos preços cobrados por armazéns e mercenárias. Exatamente por isso, é no domingo que se verifica o maior movimento nas feiras. Nesse dia, cerca de 30 mil feirantes, servindo-se de mais de 4 mil tabuleiros, vendem alimentos à população.

E nas feiras-livres que o consumidor encontra os menores preços para as verduras e frutas, cerca de 20% ou mais abaixo dos preços cobrados pelas quitandas, mercenárias, etc. Diante disto, torna-se claro que não é possível acabar com uma fonte que abastece a maior parte dos consumidores a preços relativamente compensadores, sem provocar um colapso de grandes proporções.

SEMPRE OS AÇAMBARCADORES

Acontece, porém, que também as feiras-livres são dominadas pelos "donos" do Mercado Municipal que se especializaram no tipo de comércio mais atrasado e mais explorador possível. Comprando dos agricultores a preços extremamente baixos, os açambarcadores revendem verduras, frutas e outros alimentos a preços exorbitantes aos seus "comissários" e prepostos

e a outros feirantes. Estes, por sua vez, segundo cálculos do Departamento de Abastecimento da PDF, têm que tirar mais 50% para eles, a fim de que possam ganhar alguma coisa. Desse modo, os dois extremos da cadeia, o produtor e o consumidor, é que "pagam o pato".

Segundo dados oficiais, mais de três quartos dos produtos vendidos nas feiras-livres são comprados no Mercado Municipal, isto é, dos intermediários exploradores que dominam o casarão da Praça Quinze que nem a Avenida Perimetral conseguiu pôr abaixo. Pouco mais de um quinto é que é comprado diretamente dos agricultores do subúrbio do DF; assim mesmo, esta pequena parte ainda sofre as consequências do mesmo mecanismo açambarcador, pois pouquíssimos são os feirantes lavradores, a maioria de suas

licenças é utilizada por intermediários engendrados no sistema do Mercado Municipal.

PROBLEMA E "SOLUÇÕES"

Um dos maiores problemas no que diz respeito às feiras, além do fato de serem controladas pelos açambarcadores do Mercado Municipal, é que elas constituem um tipo de comércio dos mais atrasados e condenáveis, porque não estão em condições de fornecer produtos agrícolas a baixo preço aos consumidores. Isto acontece porque as feiras têm que empregar grande número de pessoas (mais de 50 mil para venda, transporte, acondicionamento, etc.); acarretam grandes despesas com a perda de produtos por deterioração pela falta de meios apropriados de transporte e conserva; não têm condições

para organizar um comércio permanente e intenso, que diminuiria as despesas. Zelas e outros motivos, aliados ao fato de já comprarem as mercadorias a preços elevados, impossibilitam a venda em melhores condições e por preços inferiores.

Diante do problema tão complexo e importante, a única "solução" que a FDF, segundo pronunciamentos do Departamento de Abastecimento e do próprio secretário da Agricultura, pretende adotar é a colocação das feiras em recintos fechados. Isto, entretanto, só viria resolver os problemas menores, como higienização, desobstrução do trânsito, etc. Poderia também contribuir para moralizar a fiscalização, mas certamente não são esses os problemas fundamentais, nem é esta solução a única forma de sanar estas deficiências.



Os delegados ao Encontro concederam entrevista coletiva à imprensa chilena (foto), ocasião em que expuseram os objetivos da reunião

EM HAVANA

PRIMEIRO CONGRESSO JUVENIL DA AMÉRICA LATINA

Reportagem de ZULEIKA ALAMBERT

Realizou-se em Santiago do Chile de 26 a 30 de novembro último, o primeiro Encontro das Organizações Juvenis da América Latina. Com a presença de 160 delegados, representando as mais diversas tendências políticas, filosóficas e religiosas, a reunião deliberou realizar em meados de julho de 1960, em Havana, o Primeiro Congresso da Juventude Latino-Americana.

UM CAMINHO COMUM

Falando a nossa reportagem disse o jovem Arica Greco, estudante de Ciências Sociais e representante da Associação Católica Universitária de Cuba:

"Nossa experiência demonstra que a juventude deve se unir para discutir seus anseios comuns. E desse intercâmbio deve surgir também um caminho comum para todos os povos."

Este pensamento do estudante cubano representou o pensamento da maioria das delegações presentes ao encontro do Chile.

Jovens democratas cristãos, socialistas, socialistas populares, apuristas, comunistas, urrdistas, popular conservadores, peronistas, fidelistas, et durante quase 4 dias, em mais de 70 horas de trabalho, discutiram apaixonadamente num clima que ia da alegria e entusiasmo até a violência e aclorada troca de palavras, mas no qual sempre acabava vencendo a ideia de encontrar o caminho comum.

VELHO SONHO

Os Festivais Mundiais, a Conferência Afro Asiática da Juventude e outras iniciativas semelhantes são exemplos que mostram que o caminho da paz, da democracia e da emancipação nacional dos povos passa inevitavelmente pela união, organização e mobilização dos jovens de todos os continentes.

Em um ponto qualquer de nosso Continente as diferentes organizações juvenis da América Latina era um velho sonho acalentado por numerosos líderes juvenis. Primeiro pensaram numa reunião em Caracas. Mas, por iniciativa do Movimento 26 de Julho, essa reunião foi convocada para Santiago.

INAUGURAÇÃO

No terraço do morro de San Lázaro de onde se desfruta a noite magnífica vista de Santiago iluminado, foi realizado o ato inaugural da reunião dos jovens latino-americanos.

O palarque ornamentado de bandeiras de todos os países abrangia os representantes das nações presentes ao encontro. A nota de arte foi dada pela voz e pelo violão de Isabel Parra, filha da folclorista chilena Violeta Parra. Pelo Brasil falou o representante da União Nacional de Estudantes.

ALEGRIA JUVENIL

A heterogeneidade das diferentes delegações variava segundo o debate. Mas a alegria e a fraternidade dos delegados foram muito importantes para "aliviar" a tensão que por vezes reinar no ambiente. Bastante agradável foi a noite do dia 27 quando os brasileiros cantaram marchinhas carnavalescas acompanhados por um improvisado coro de chilenos.

ESTUDANTES E MOÇAS

Foi numerosa a delegação de estudantes secundários presente a reunião, enquanto que a participação das "marchinhas" era de apenas 13. Por essa razão os primeiros reuniram-se e resolveram eleger um encontro no Rio de Janeiro no próximo ano. De sua parte, as moças, vendo que o encontro não seria...

mesmo, com um objetivo diferente, insistir em que figurasse no relatório do próximo Congresso um ponto referente às "moças".

A DELEGAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil compareceu ao encontro através de expressivas entidades como a União Nacional de Estudantes, AMEB, URES, Mocidade Trabalhista. Foi uma delegação das mais entrevistadas quer por sua representatividade, quer por sua amplitude. Presidiu uma das sessões através de um de seus representantes, causando manifestações de apreço e admiração pela imparcialidade e equilíbrio com que enfrentou diferentes e complexas questões surgidas em plenário.

RESOLUÇÕES APROVADAS

Amãnhã de dia 30, o plenário de jovens estudantes, estudantes, mal alimentados e mal tratados com entusiasmo importantes resoluções que abrangem o caminho a um Congresso a ser realizado em meados de julho, em Havana. Aproximadamente 16 pontos contendo questões de profundo interesse para os jovens, um regulamento que define o trabalho da delegação e um apelo às massas juvenis do Continente.

Foram eleitos para o Comitê Coordenador da primeira reunião as seguintes organizações: Movimento 26 de Julho (Cuba), Ação Democrática (Venezuela), Juventude Brasileira, Juventude Comunista e CUT (Chile), Juventude Comunista (Venezuela), FVA (Argentina).

APOIO UNANIME A REVOLUÇÃO CUBANA

As finalizações a reunião foi aprovada por unanimidade o pedido de solidariedade ao povo cubano e sua revolução.

UM ROSTO NA NOITE

Um Rosto Na Noite (Le Notti Bianchi) é o lançamento mais importante da semana cinematográfica. Trata-se da adaptação de uma novela de Dostoyevski feita por Lucchino Visconti, um dos mais completos diretores teatrais da Itália e realizador de *Obsessão* e *Sedução da Carne* (Senso), aliás, seus últimos filmes exibidos no Brasil.

Um Rosto Na Noite é uma pequena joia onde se conjugam a história, a excelência das interpretações, o ambiente e a belíssima cenografia. O filme servirá mesmo para ilustrar o estilo de Lucchino Visconti, que é quase desconhecido entre nós, um notável pesquisador formal mas que nem por isso descuida do aspecto humano dos argumentos.

A novela de Dostoyevski foi adaptada livremente por Visconti, que a transportou para a época atual fazendo desenvolver-se num modesto bairro de Livorno. Estas alterações, porém, longe de desvirtuarem o original reforçam o traço mais característico das obras do grande escritor russo — a poesia da solidão. Praticamente, limitada a dois personagens (Maria Schell e Marcello Mastroianni) a história mantém sempre o clima de poesia e ternura de um romantismo envolto numa bruma de solidão. Seus dois heróis perambulam pelas ruas estreitas, cortadas pelas curvas, buscando ansiosamente um momento de felicidade.

Visconti tomou de Dostoyevski a imensa tarefa de dar "vida interior" aos personagens. Os olhos melancólicos de Maria exprimem a solidão de sua vida e despertam em Marcello o desejo de partilhar o seu destino. Também ele se sente só. Segue-a por todas as partes até poder falar-lhe, dizer dos seus sonhos, desvendar o mistério

GENNYSON AZEVEDO

maravilhoso efeito de criar e exteriorizar o mais íntimo dos sentimentos de seus dois heróis. Por isso, é um filme lúgubre e de rara beleza. Para muitos, talvez, parecerá algo estranho quase incompreensível.

Marcello Mastroianni assegura com seu desempenho um lugar entre os mais completos atores do cinema mundial. Não há exagero nenhum nisso. Seu papel exige uma gama muito extensa de emoções e Mastroianni domina-o completamente. Maria Schell,

bem dirigida, apresenta-nos num plano mais discreto que seu companheiro. Clara Calamai valoriza uma pequena ponta e Jean Marais comparece também em certas aparições. A cenografia de Mario Chiari e Mario Garbuglia, reconstituem em estudo um quartelão inteiro, de grande autenticidade funcionando dentro do espírito do filme. O mesmo se pode dizer da fotografia em preto-e-branco.

Um Rosto Na Noite é um filme que revela em maneira insuspeável o gênio de Lucchino Visconti, numa obra de bom-gosto e elevado padrão artístico, que merece ser vista e admirada.



Um Rosto Na Noite, de Lucchino Visconti, com Maria Schell e Marcello Mastroianni.

Generalização Dos Problemas Da Construção Socialista

UMBERTO CERRONI
(Da revista italiana Rinascita)

Vem sendo objeto da atenção dos estudiosos soviéticos, com frequência cada vez maior, o problema da estrutura interna do novo sistema internacional socialista constituído no pós-guerra.

As razões para esse crescente interesse científico são bastante evidentes: trata-se, sobretudo, do alcance objetivo que assume não apenas a cooperação internacional socialista — no quadro mais vasto da cooperação mundial, — mas também o próprio problema da especialização e da divisão do trabalho, de acordo com a disponibilidade em recursos naturais e das necessidades específicas de populações em ambiente que se caracteriza pela evolução coordenada de sociedades socialistas em construção. Embora questões desse gênero tenham, às vezes, sido focalizadas em conferências oficiais, em organismos de cooperação econômica ou em contextos puramente políticos, agora, e sobretudo nos últimos anos, esses problemas exigem uma análise mais rigorosa pelos estudiosos, aos quais já se pode solicitar — terminado o período de emergência — um exame de perspectiva de desenvolvimento coordenado do sistema econômico socialista internacional. Acrescente-se, além disso, o fato de que o desenvolvimento multiforme, ocorrido no passado, dos organismos econômicos nacionais pudera, de certa maneira, progredir sem uma profunda coordenação internacional também pelo fato de que grande parte dos países de democracia popular tinham que superar uma penosa situação de atraso econômico. Assim, bastante difícil deveria ser um esforço de coordenação para o qual faltavam, frequentemente, as premissas econômicas objetivas. Hoje, porém, quando há uma sólida aparelhagem industrial em quase todos os países socialistas, quando as exigências de especialização e diferenciação da produção se impõem também por motivos internos — em primeiro lugar para atender à crescente procura de bens de consumo — inaugura-se um período novo da construção socialista e a coordenação e a cooperação internacionais se tornam possíveis e cada vez mais necessárias.

Em sendo objeto da atenção dos estudiosos soviéticos, com frequência cada vez maior, o problema da estrutura interna do novo sistema internacional socialista constituído no pós-guerra.

Podemos citar mais outros volumes que comprovam, entre outras coisas, que esse novo motivo de interesse científico não fica limitado à economia e se estende progressivamente a outros campos: editaram-se, por exemplo, coletâneas de estudos sobre vários problemas jurídicos, textos de lei, e monografias relativas a problemas do direito internacional que regulamentam as relações entre os países socialistas, etc.

Quanto às revistas, é sintomático o fato de que os últimos números dedicam muita atenção a esses problemas. Além disso, os ensaios que analisam problemas nacionais particulares procuram, cada vez mais, relacioná-los ao sistema geral do socialismo. Vemos, a este respeito, no número 9 de *Questões de Economia*, um artigo de Lu-Pekschov, em que se analisa o desenvolvimento econômico da China e I. Olinik passa em revista a industrialização dos diversos países de democracia popular.

Colocando-se na ordem-dia do estudo global do sistema socialista, é natural que surjam à tona — e sob diversas prismas — os problemas de fundo relativos ao desenvolvimento econômico socialista, assim como as questões teóricas

mais gerais despertem a atenção dos estudiosos em perspectiva histórica mais ampla. Exemplo, nesse sentido, é o debate travado nas páginas da revista *Ciências Econômicas* (N.º 1 e 2, 1959) sobre a lei econômica fundamental da formação econômico-social socialista. Ao mesmo tempo, a própria multiplicidade dos aspectos nacionais das questões abordadas exige que se tenha em conta, cada vez mais, a contribuição científica dos vários países socialistas, multiplicando-se os artigos dos cientistas estrangeiros que colaboram nas revistas soviéticas.

Entre os ensaios mais recentes que dão ideia da importância dessa nova dimensão internacional dos problemas do socialismo devem-se destacar dois artigos publicados no *Anuário Soviético de Direito Internacional*, 1958. O primeiro, um ensaio de E. A. Korovin, *O Internacionalismo Proletário e o Direito Internacional* — focaliza o alcance novo que deve assumir o conceito de soberania nacional no quadro da comunidade socialista. Um tal conceito, — afirma em essência o estudioso soviético, — deve ser integrado por uma componente «material» desconhecida pela doutrina e pela prática internacional burguesa, isto é, a importância igual de todos os Estados socialistas também em relação ao desenvolvimento econômico, no sentido de que o respeito pela soberania não pode exaurir-se nas fórmulas políticas, devendo aprofundar-se para revelar a contribuição concreta que o conjunto do sistema internacional pode e deve prestar a cada país, para evitar que este dependa economicamente do exterior. Esta perspectiva — continua Korovin — con-

porta, ao mesmo tempo, uma unidade mais intensa e operativa de esforços de todos os Estados: a soberania nacional reclama, portanto, a unidade do sistema, e esta — se não quiser ser meramente formal — deve constituir-se à base das necessidades reais de cada Estado e de todo o sistema em seu conjunto. O outro ensaio, de M. M. Boguslovski e A. A. Rubanov, *A Cooperação Jurídica entre a URSS e os Países de Democracia Popular*, — examina, por outro lado, uma série de questões afinentes à regulamentação orgânica das relações jurídicas entre os Estados socialistas. O artigo aborda, em essência, duas questões: a primeira diz respeito à disciplina da tutela jurídica exercida sobre os cidadãos de outros países socialistas: os autores examinam a proposta, os vários acordos estabelecidos entre as nações socialistas, passando em revista os comentários de vários juristas e procurando fixar alguns princípios gerais; comuns em matéria de direito civil. A segunda questão aborda, por outro lado, a cooperação jurídica entre os órgãos de justiça e abrange uma série delicada de relações, sobretudo no campo do direito penal.

Para nós, independentemente de seu mérito, impossível de avaliar, que a intensificação, em todos os campos, dos estudos das relações entre os países socialistas é sintoma importante do conhecimento que, ano após ano, vai adquirindo o mundo socialista quanto à sua interconexão e, portanto, também à variedade de sua vinculação. Pode-se afirmar, em geral, que no sistema socialista internacional o próprio problema do internacionalismo só doravante poderá encontrar soluções que tenham por base a consideração concreta e profunda das questões nacionais.

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!

Paraguay! Stroessner ins titui regime de trabalhos forçados para professores e estudantes!



Um exemplo dos cuidados médicos que o Estado presta aos trabalhadores tchecoslovacos: a assistência que foi prestada aos quatro trigêmeos nascidos em outubro na cidade de Kutná Hora e à sua mãe, já antes do parto a sra. Marie Hourová foi criada de todo a conforto e cuidado, o mesmo acontecendo com seus filhos Václav, Jana, Ivan e Miloslava. Na foto, a mãe, juntamente com os quatrignêmos, quando recebe a visita do pai, sr. Václav Hora, acompanhado de quatro médicos do hospital local.

8% para a defesa; o resto para assegurar a felicidade do povo

Trabalhador Tchecoslovaco é Dono Do Orçamento

A melhoria das condições de vida e de trabalho do povo tchecoslovaco é uma das preocupações centrais do governo do país. Um índice disso se vê no fato de que 37% do orçamento se destinam à assistência de todos os tipos para os trabalhadores e o povo, enquanto apenas 8% são destinados à defesa, declarou a NR, o sr. Josef Valo, presidente do Instituto dos Seguros Sociais da Tchécoslováquia e chefe da delegação paraguaiense naquele país que visitou o Brasil.

Desse 36% do orçamento tchecoslovaco, correspondentes a mais de 30 bilhões de coroas (aproximadamente cotadas em Cr\$ 2.700), são empregados na manutenção e construção de hospitais, maternidades, creches, pensões e seguros sociais para idosos, velhos, inválidos e doentes, e na manutenção e melhoria de casas de repouso para os trabalhadores e suas famílias. Incluem-se aí, também, cerca de dois e meio bilhões de coroas para subvenções de aluguel. Com isto os tchecoslovacos ficam em condições de pagar o aluguel para a maioria do mundo, isto é, pouco mais de 2% de seu salário, que é, em média, de 1.312 coroas. As pensões por invalidez, velhice, maternidade, etc., vão a mais de 16 bilhões de coroas.

PROTEÇÃO A MATERNIDADE

Muito antes do nascimento começam os cuidados do Estado para com as gestantes. De fato, as mulheres trabalhadoras na Tchécoslováquia têm direito a oitavo semanas de licença remunerada, sendo pelo menos quatro semanas obrigatórias, antes do parto. Com o nascimento, o Estado concede um prêmio de 650 coroas, isto é, cerca da metade do salário médio no país, por cada criança nascida mesmo que a mãe não seja trabalhadora.

Quanto às creches, o Estado dá toda a atenção à construção de creches, jardins de infância e institutos para crianças deficientes. Assim é que, o número desses estabelecimentos aumentou, em comparação com o período anterior à guerra, em 16 vezes, para as creches e jardins, e em oito vezes, para os institutos. Como resultado disso, verifica-se que melhorou consideravelmente a situação sanitária e higiénica da população infantil. A taxa de mortalidade infantil (quadruplica-se a taxa de mortalidade infantil antes da guerra, por outro lado, o peso e a altura das crianças de 6 a 15 anos aumentou em quase dois décimos nos seis primeiros anos depois da segunda guerra mundial, evidenciando a melhoria ainda mais daí em diante.

Além dos cuidados prestados com as crianças, o Estado fornece a todas as famílias de trabalhadores uma pensão familiar que varia com o número de filhos. Assim, a pensão é de 70 coroas para um filho, de 170 para dois, de 310 para 3, 490 para 4, 710 para 5, 930 para 6, 1.150 para 7, e mais 230 coroas para cada filho acima de 7. Desse modo, um trabalhador que recebe um salário igual ao médio, 1.312 coroas, e tenha 8 filhos, passará a receber mais 1.350 coroas por mês, dobrando seu salário.

MEDICOS

A população da Tchécoslováquia é de 14 milhões de habitantes. Para atender com cuidados médicos a esta população existem no país cerca de 20 mil médicos e cerca de cem mil leitos nos hospitais e clínicas de todos os tipos. Com isto, existe na Tchécoslováquia, um médico para

PALESTRA NO SINDICATO DOS JORNALISTAS

Atendendo a um convite do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, o escritor Astolfo Pereira pronunciou quinta-feira, dia 17, às 18 horas a conferência na sede daquela entidade.



O sr. Josef Valo, presidente do Instituto dos Seguros Sociais da Tchécoslováquia e chefe da delegação parlamentar daquele país, em visita de amizade pela América do Sul, e cuja entrevista sobre as condições de vida do povo tchecoslovaco publicamos a seguir.

SEU PRESENTE DE FESTAS
UMA BELA COLEÇÃO ENCADERNADA
DE
«ESTUDOS SOCIAIS»
(Números 1 a 4)
Preço: Cr\$ 300,00
PEDIDOS
ESTUDOS SOCIAIS
RUA SÃO JOSÉ, 50 - SALA 1502
RIO



STROESSNER, o ditador da Standard Oil, no Paraguai. A eliminação das liberdades democráticas não impede que um número crescente de patriotas lutem contra a tirania desse laiaio de capital estrangeiro.

Não Deve a América Latina Desarmar-Se Sòzinha

O desarmamento da América Latina vem sendo objeto de amplos debates em toda a imprensa continental nas últimas semanas. O assunto surgiu com uma entrevista do Presidente do Chile, Jorge Alessandri, a um correspondente do "New York Times", publicada a 21 de novembro último. Uma semana depois, o Presidente do Peru, Manuel Prado, em carta a Alessandri, dava-lhe seu caloroso apoio e sugeriu uma conferência de países da América do Sul para debater o problema.

Não levemos em conta a confiança irrestrita de que gozam em Washington os dois presidentes aos quais coube a iniciativa. Os argumentos por eles usados impressionam a miséria terrível em que vivem os povos latino-americanos, os milhões de analfabetos, a elevadíssima percentagem de crianças subnutridas e o quanto poderia ser feito com as verbas destinadas hoje a armamentos: casas baratas, hospitais, escolas, fomento da indústria, etc. Tudo isto é muito certo e muito nobre.

Mas a questão do desarmamento não se limita à América Latina. A paz mundial é um problema universal, depende, em grande parte, do desarmamento e o desarmamento deve, portanto, ser feito em âmbito universal.

Não são os pobres e relativamente semidesarmados países da América Latina que provocam guerras mundiais. Não são eles que põem em perigo a paz entre os povos. De forma alguma. O desarmamento depende, sobretudo, das grandes potências.

Basta fazer-se uma ligeira comparação entre os gastos militares das grandes potências e os restantes países do mundo para vermos o engodo que se oculta por trás da iniciativa Alessandri-Prado, que imediatamente encontrou entusiástico apoio nos Estados Unidos.

Calcula-se que em todo o mundo são gastos aproximadamente 100 bilhões de dólares para fins militares. Destes 100 bilhões, 15 bilhões correspondem a um único país — os Estados Unidos. Despesas con-

sideráveis são feitas pela União Soviética, China, Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, etc. Por aí se vê que, dentro daquele total, os gastos da América Latina (Brasil, 220 milhões; Argentina, 120 milhões; Peru, 100 milhões; Chile, 60 milhões — os que mais podem gastar) são relativamente insignificantes. Não são eles que põem em perigo a paz no mundo. As duas guerras mundiais deste século não foram desencadeadas nem decididas por eles.

Por que, então, o desarmamento unilateral da América Latina?

Mesmo se se chegasse a um acordo para o desarmamento latino-americano, não estaríamos livres de sermos envolvidos num conflito mundial. O Departamento de Estado de Washington se apressou, sintomaticamente, a aplaudir a iniciativa "desarmamentista" de Alessandri e Prado, sugeriu logo que a proposta fosse objeto de debate pela Organização dos Estados Americanos (OEA). A sugestão do governo americano foi feita 48 horas depois da manifestação do presidente do Peru. Mas não se cogita sequer de liquidar o Tratado do Rio de Janeiro, pacto militar que os Estados Unidos impuseram aos países da América Latina há 10 anos. Nem Alessandri, nem Prado, nem muito menos o Departamento de Estado aludiu sequer à possibilidade de denunciar-se semelhante tratado de guerra. Ao contrário, a nota do Departamento de Estado afirma taxativamente que "a limitação dos armamentos da América Latina" (seria feita) "sem prejuízo as necessidades de autodefesa do Continente. Só para os incautos não fica perfeitamente claro que então os Estados Unidos se encarregaram sózinhos da "defesa" do Continente.

Este o verdadeiro objetivo de semelhante manobra "desarmamentista".

Mas não é o único. Note-se ainda que não há qualquer indicação de que, em caso de desarmamento latino-americano, os Estados Unidos abandonariam

Rui Facó

suas bases militares em nossos países. Reafirmaram há algum tempo que não pensam em abandonar Fernando de Noronha. Há poucos meses, reforçaram em Cuba, onde mantêm um verdadeiro exército 25 mil homens num recanto da "Pérola das Antilhas".

O problema do desarmamento vem sendo discutido há anos. Mas os Estados Unidos jamais se lembraram de propor desarmamento da América Latina quando suas posições eram mais sólidas em nosso Continente. Quando tinham em Cuba um lábiao como Batista, ou um Pérez Jiménez na Venezuela. Lembram-se disso quando os povos latino-americanos despertam e começam a lutar de armas nas mãos por sua independência econômica, enfrentando frontalmente as iras do imperialismo norte-americano. Washington vendeu armas a Batista mediante pagamento simbólico. Hoje, recusa armas a Fidel Castro quando o chefe revolucionário cubano quer defender sua Pátria de aventureiros refugiados na Flórida e que fazem vãos de pirataria sobre Cuba ou de ditadores vizinhos. Washington pressiona Londres para que não venda aviões a Fidel Castro. É um "desarmamento" que interessa vitalmente aos magnatas açucareiros americanos ameaçados de expropriação de

seus latifúndios em Cuba.

Este tipo de desarmamento nos entregaria de pés e mãos atados aos nossos próprios inimigos. Nenhum povo latino-americano pode esquecer que no passado, por inúmeras vezes, fuzileiros navais norte-americanos desembarcaram em muitos de nossos países, humilharam-nos, tentaram-nos impor sua vontade.

Não vale o argumento de que, dispondo os Estados Unidos de armas ultramodernas, foguetes e bombas atômicas, as nossas de nada valem. Ai está bem vivo na lembrança de todos o exemplo magnífico do Egito. Agredido por Israel e por duas potências imperialistas, a Inglaterra e a França, resistiu valorosamente e os agressores foram obrigados a recuar. Não contavam eles nem com a resistência heróica dos egípcios nem com uma força nova que o imperialismo não conhecera antes: a solidariedade irrestrita dos países socialistas e uma opinião pública mundial firmemente ao lado dos que defendam sua independência e soberania.

As despesas com armamentos pesam de fato no nosso orçamento nacional. Serão as verbas, hoje, destinadas a elas um grande reforço ao nosso desenvolvimento e ao bem-estar de nosso povo. Mas não são elas as determinantes da miséria em que vive a maior parte do povo bra-

sileiro, como dos demais povos da América Latina.

A causa principal desta miséria reside na brutal exploração de que são vítimas por parte dos monopólios estrangeiros particularmente os norte-americanos. Somente os lucros exportados anualmente pelas companhias estrangeiras que operam no Brasil superam as nossas despesas com armamentos. A este respeito não dizem uma palavra nem os Alessandri nem os Prado. Quanto ao Departamento de Estado, não quer nem ouvir falar neste assunto. A simples proposta de limitar a exportação dos lucros enche de fúria aos monopólios norte-americanos e a seus agentes.

Em conclusão, o desarmamento é hoje o principal problema internacional, um problema sério que não pode ser objeto de manobras esusas. Há sinceridade no desejo de desarmamento do Presidente Alessandri, do Presidente Prado, de quantos os aplaudiram? Então, ai está o projeto de desarmamento total e universal apresentado pela União Soviética na sessão da Assembleia Geral da ONU. Deve ser modificado num ou noutro ponto, deve ser melhorado ou completado? — que se o faça na ONU, contanto que se faça algo de concreto por uma das mais altas aspirações dos homens de todas as nações, o desarmamento que preserve a paz no mundo.

LÍDERES ANTIFASCISTAS CONDENADOS

PORTUGAL: POLÍCIA PRENDE ESCRITOR AQUILINO RIBEIRO

Aquilino Ribeiro, um dos mais célebres escritores portugueses contemporâneos, foi lincado pelo tribunal de Lisboa, de "atentar contra o prestígio do país, de instigar a prática de atos contrários à segurança do Estado, de ofender o presidente do Conselho, os ministros e a magistratura, e de injuriar a polícia política".

O acusado, que conta 76 anos de idade, está, porém, em liberdade, sob a fiança de 60.000 escudos, cerca de 1 milhão de francos, imediatamente.

Ribeiro, um militante da oposição, é perseguido por haver publicado o romance "Quando Os Lobos Uivam", descrição da luta travada pelos camponeses contra o Estado, que pretende expropriá-los.

O eminente romancista lusitano é passível de uma pena máxima de oito anos de prisão, sendo considerada circunstância agravante, pelo governo o fato de ter um filho na magistratura.

Os amigos de Aquilino Ribeiro se entzaram para reunir os 60.000 escudos da cau-

ção. Um representante da Diretoria da Sociedade dos Homens de Letras, compareceu à audiência do tribunal que condenou o escritor. O presidente dessa associação, sr. Jaime Cortezão, solicitou uma entrevista com o ministro da Educação Nacional, sr. Leite Pinto, para tratar do processo.

SETE ANTIFASCISTAS SÃO CONDENADOS EM LISBOA

O tribunal de Lisboa condenou, a penas que variam



APRENDER O COMUNISMO (II)

O perigo seria muito maior ainda se pretendêssemos aprender apenas as palavras-de-ordem comunistas. Se não percebêssemos a tempo a gravidade desse perigo, se não fizéssemos todos os esforços possíveis para evitá-lo, a existência de meio milhão ou de um milhão de jovens de ambos os sexos que, depois de semelhante estudo do comunismo, se chamassem comunistas, não causaria senão um grande prejuízo à causa do comunismo.

Freqüentemente, surge diante de nós a questão de saber como devemos conciliar tudo isso para aprender o comunismo. Que devemos tomar da velha escola, da velha ciência?

A velha escola declarava que queria formar homens instruídos em todos os terrenos e que ensinava as ciências em geral. Já sabemos que isso era uma pura mentira, uma vez que toda a sociedade se baseava na divisão dos homens em classes, em exploradores e explorados. Como é natural, toda a velha escola, saturada de espírito de classe, não ensinava senão aos filhos da burguesia. Cada uma de suas palavras tinha como alvo favorecer os interesses da burguesia.

Nossas escolas, os jovens operários e camponeses, ao invés de ser educados, eram preparados para o maior proveito dessa mesma burguesia. Elas tratavam de preparar servidores úteis, capazes de aumentar os lucros da burguesia, sem perturbar a sua ociosidade e repouso. Por isso, condenando a antiga escola, propusemos-nos aproveitar dela unicamente o que nos é necessário para conseguir uma verdadeira educação comunista.

O marxismo é um exemplo de como o comunismo resultou da soma de conhecimentos adquiridos pela humanidade.

Tereis lido e ouvido que a teoria comunista, a ciência comunista, criada principalmente por Marx, deixou de ser obra de um socialista, embora genial, do século XIX, para transformar-se na doutrina de milhões e dezenas de milhões de proletários do mundo inteiro, que a colocam na prática em sua luta contra o capitalismo.

E se agora perguntardes por que pode essa doutrina de Marx conquistar milhões e dezenas de milhões de corações na classe revolucionária, tereis uma resposta: porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos sob o capitalismo. Ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana, Marx compreendeu o inevitável do curso de desenvolvimento do capitalismo, que conduz ao comunismo e, sobretudo, provou essa verdade, baseando-se exclusivamente no estudo mais exato, mais detalhado e mais profundo da sociedade capitalista. E pôde fazê-lo porque assimilou plenamente tudo o que ela havia dado até então.

Tudo o que fora criado pela sociedade humana foi submetido à sua crítica, sem escapar um ponto. Tudo o que o pensamento humano criara, foi analisado, criticado, posto à prova no movimento operário, tirando as conclusões que as pessoas encerradas nos limites burgueses ou confundidas pelos preconceitos burgueses não podiam tirar.

É necessário que se tenha isso em conta quando falamos, por exemplo, em cultura proletária. Se não nos dermos conta de que só se pode criar essa cultura proletária conhecendo-se exatamente essa cultura criada pela humanidade em todo o seu desenvolvimento e reelaborando-a, jamais poderemos resolver esse problema.

A cultura proletária não surge de não se sabe que fonte, não brota do cérebro dos que se chamam especialistas em cultura proletária. É uma lólice hereditária. A cultura proletária tem que ser o desenvolvimento normal do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade de latifundiários, de burocratas.

Estes são os caminhos e as estradas que nos conduzem e continuam conduzindo à cultura proletária, do mesmo modo que a Economia política, reelaborada por Marx, nos mostrou aonde tem que chegar a sociedade humana, nos indicou a passagem à luta de classes, ao começo da revolução proletária.

(V. I. Lenin: do trabalho "Tarefas das Juventudes Comunistas")

de 1 a cinco anos de prisão, um grupo de cinco operários acusados de "atividades políticas subversivas". O mesmo tribunal também condenou, em outro proces-

so, por pertencerem a uma organização "subversiva ilegal" (o Partido Comunista), um advogado e um livreiro, respectivamente a dois e um ano de prisão.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(XVIII)

Ascenso do movimento operário e luta contra o oportunismo na Alemanha

O que Marx e Engels criaram com maior severidade no socialismo anglo-americano — objeto de nossa atenção em capítulos recentes destas notas históricas — era o seu isolamento do movimento operário, o seu recrudescimento. Acusavam os socialistas ingleses e norte-americanos de serem, — segundo palavras de Lênin, — "transformavam o movimento operário que marchava junto a eles, impulsionado vigorosamente, mas vivo, de massa, poderoso". E Lênin conclui, referindo-se a algumas ações que faz sobre o assunto, de cartas de Engels a Sorge: "Se Engels insistisse desta maneira sobre a organização econômica dos operários em semelhantes condições, é porque se batia dos regimes democráticos mais estabelecidos, que apresentavam ante o proletariado tarefas socialistas-puras".

Já com relação ao socialismo e ao movimento operário alemães a situação se mostrava inteiramente diversa. Vimos, com efeito, que a primeira revolução burguesa na Alemanha não logrou cumprir por inteiro os seus

objetivos (Ver Cap. XIV em NOVOS RUMOS, n.º 13). Apenas uma de suas tarefas, — a unificação estatal — realizou-se e "por cima", isto é, sob a tolerância dos Junkers e burgueses da Prússia (Ver Cap. XVIII, em NOVOS RUMOS, n.º 13). Assim, o último terço do século XIX e o princípio de nosso século conheceram uma Alemanha que, se de um lado, herdou a ser um dos mais fortes países capitalistas, evoluindo até a condição de grande potência imperialista, de outro se conservava impregnada de subevidências feudais sobre-tudo nas terras da Prússia. Reflexo desta contradição profunda, vigorava ali o regime político monárquico semi-absolutista. Os Junkers (latifundiários aburguesados) partilhavam o poder com a burguesia e ambos esforçavam-se por manter a classe operária privada dos direitos democráticos de organização, de greve, etc.

Em tais condições o proletariado continuava a ter diante de si, imediatamente não tarefas socialistas, mas tarefas democrático-burguesas mais que maduras, a atrair-lo vivamente para a arena política. Isso explica porque, na Alemanha, as organizações políticas da classe operária

surtem quase que simultaneamente com as organizações de luta pelas reivindicações econômicas. As contradições de classe e a luta de classes assumiram ali formas muito mais agudas que na Inglaterra, nos Estados Unidos ou na França. A Alemanha tornou-se, no período que estamos estudando, o centro do movimento operário mundial.

Pode perguntar-se por que a Alemanha e não a Itália, por exemplo, que se unificara nacionalmente em 1870, — na mesma ocasião, portanto, que os antigos Estados germânicos, — sem completar, também, as tarefas da revolução democrático-burguesa, se tornou o centro do movimento operário. A razão principal reside em que nos anos seguintes a Itália teve um desenvolvimento capitalista muito mais lento que a Alemanha, contanto, por isso mesmo, com uma classe operária muito menos numerosa, menos concentrada, mais débil do ponto de vista

da capacidade de ação revolucionária.

A natureza das tarefas revolucionárias imediatas do proletariado alemão e as condições sociais em que devia realizá-las colocavam na ordem do dia "a prevenção contra a "ala direita" do partido operário a guerra implacável (por vezes de morte, segundo Marx em 1877-79, contra o oportunismo na social-democracia" (Lenin, "Prefácio à correspondência com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1875, ano em que se fundiram a União Germânica Nacionalmente com F. A. Sorge). Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a

Brasil Comprará Petróleo Soviético Pela Metade Do Preço Fixado No Acôrdio Petrobrás-Esso

O acôrdio que acabamos de assinar dá perspectivas muito encorajadoras de desenvolvimento do intercâmbio comercial entre os nossos dois países, declarou o ministro Barbosa da Silva, em entrevista à imprensa no capital soviético, após a assinatura do acôrdio comercial entre o Brasil e a URSS. O chefe da Delegação Brasileira, que negociou o acôrdio com os soviéticos, acrescentou: «A União Soviética, dotada de uma colossal produção industrial e possuindo um poderoso sistema de organização da economia nacional, dispõe de ilimitadas possibilidades para desenvolver o seu comércio internacional». Falando, por outro lado, ao jornal «Última Hora», disse o sr. Barbosa da Silva que o acôrdio é um primeiro e decisivo passo no sentido da normalização das relações econômicas e diplomáticas entre os dois países.

Essas declarações do sr. Barbosa da Silva parecem refletir a opinião geral no país, sobre o acôrdio assinado no último dia 10, na

Encerraram-se, em Moscou, a 9 do corrente, as negociações entre a Missão Comercial Brasileira, chefiada pelo Embaixador Edmundo Penna Barbosa da Silva, e a Delegação Comercial Soviética, chefiada pelo Vice-Ministro do Comércio Exterior, Sr. N. N. Smolukov, sendo concluído um Acordo de Comércio entre o Brasil e a URSS, que entrará em vigor depois de aprovado pelas autoridades competentes dos dois países.

O referido Acordo, que vigorará a partir de 1960, prevê, em seu primeiro ano de vigência, um intercâmbio no valor de vinte e cinco milhões de dólares norte-americanos em cada direção, estando prevista a sua expansão, para, respectivamente, no segundo ano, trinta e cinco milhões e, no terceiro ano quarenta milhões de dólares.

Os principais produtos de exportação brasileira para a URSS serão o café, cacau, óleos vegetais, peles, laranjas e couros. A URSS fornecerá ao Brasil, notadamente, petróleo, cru e derivados, trigo, maquinaria, metais e produtos químicos.

Do lado do Brasil o café concorrerá com o montante de 15 a 16 milhões de dólares, ou sejam, 335.000 mil sacas de 60 quilos, aproximadamente; ao cacau foi prevista uma participação de cerca de 2 milhões e 200 mil dólares, cabendo o restante aos outros produtos. Do lado soviético, o petróleo atin-

girá os 7 milhões de dólares, ou sejam, 700 mil toneladas, de óleo bruto; o trigo concorrerá com 9 milhões, correspondente a cento e cinquenta mil toneladas; os equipamentos da indústria de petróleo terão sua participação em cerca de 3 milhões, cabendo o restante aos outros produtos.

Foi previsto, também, uma Comissão Executiva para cada país para incrementar os entendimentos havidos, contando cada seção com três membros. Esses órgãos começarão a funcionar depois que as Notas de Aclaração dos termos do Acordo forem trocadas, entre os chefes das duas delegações, em nome de seus respectivos governos.

As Comissões Executivas serão estabelecidas no Rio de Janeiro e Moscou e deverão manter contato permanente entre si, bem como com as autoridades correspondentes de seus respectivos países, com o fim de incrementar o comércio entre o Brasil e a Rússia Soviética.

METADE DO PREÇO

Das observações desde logo podem ser feitas, a partir da Nota do Itamarati. A primeira se refere ao preço pelo qual os soviéticos fornecerão petróleo à Petrobrás. A Nota fala em 10 dólares por tonelada, ou seja, cerca de US\$ 140 por barril, enquanto a Petrobrás está comprando petróleo, do mesmo tipo, à Esso por US\$ 2,90 por barril, ou cerca de US\$ 20 por tonelada. Vê-se, portanto, que os soviéticos, além de não obrigarem ao pagamento em dólar por seu petróleo, o fornecem a um preço inferior em cerca de 80% ao dos trustes internacionais. Pergunta-se então: porque a Delegação Brasileira se limitou a comprar 700 mil toneladas de petróleo soviético, que representam apenas 10% das importações de petróleo bruto da Petrobrás em um ano, quando é sabido que a URSS está em condições de se dispor a suprir a Petrobrás e o país em tôdas as suas necessidades de petróleo bruto importado? Esta é uma pergunta a que a Delegação Brasileira não respondeu, quando voltou, embora já se possa afirmar que a resposta a ela está no acôrdio assinado entre a Petrobrás e a Esso, que prende a empresa estatal ao truste Rockefeller.

A segunda observação, a nota do Itamarati se prende à questão das missões comerciais, que deverão instalar-se no Rio e em Moscou.

Na neste ponto uma contradição, entre os diversos membros da Delegação Brasileira. O Sr. Costa Lima, em declarações à imprensa, afirmou que as missões terão o funcionamento que se poderia esperar delas, ou seja, a missão brasileira instalar-se-á em Moscou, e a soviética no Rio. O sr. Barbosa da Silva, entretanto, também em declarações à imprensa, tem insistido no inverso: a missão brasileira ficará no Rio, e a soviética em Moscou. A Nota do Itamarati fica no meio, não se decidindo pelo por uma coisa nem por outra. As Comissões Executivas serão estabelecidas no Rio de Janeiro e em Moscou, e deverão manter contato permanente entre si, limita-se a dizer a Nota. Ao que parece, o texto do acôrdio ficou deliberadamente vago. Assim sendo, o acôrdio deixa margem para que a questão seja decidida politicamente, no Brasil, após a entrada em vigor do documento.

REZOZIO

De qualquer forma, o acôrdio representa um grande progresso, e está sendo saudado como tal, na imprensa brasileira. Disse, por exemplo, em editorial, a «Última Hora»: «O acôrdio comprova que o Brasil, como Nação, senhora dos seus destinos, sem prejuízo de suas alianças tradicionais, já está em condições para esboçar e seguir, no plano internacional, o caminho que mais convém aos interesses nacionais».



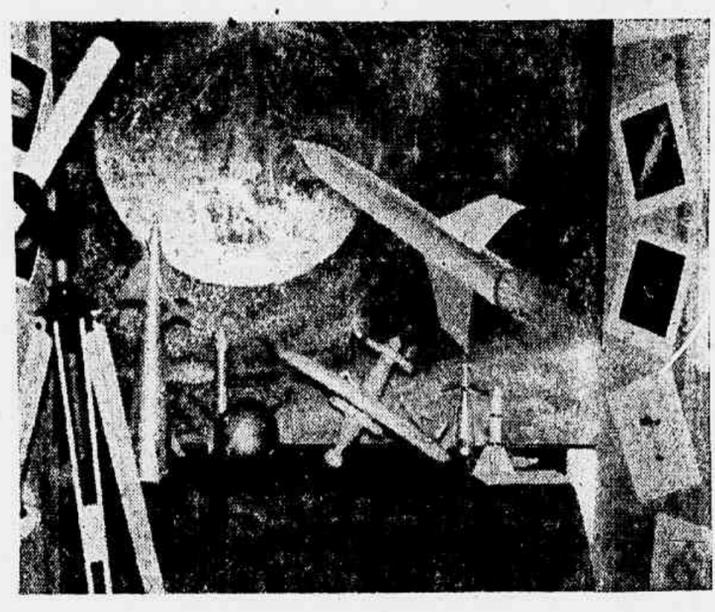
EM DEBATE OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE

Quais os problemas diante dos quais se de para a jovem geração? Como se explicam as tendências surgidas entre os jovens dos diferentes países? De que modo devem agir as forças democráticas e a vanguarda do proletariado em face da necessidade de orientar, educar e organizar a juventude? Estes são alguns dos problemas abordados no debate sobre os problemas da juventude, publicado no n.º 9 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO.

Ainda neste número, além da continuação do debate sobre o Mercado Comum Europeu, são publicados palpantes trabalhos de dirigentes marxistas de vários países, como Coexistência pacífica e luta ideológica, de L. Mitchev, Problemas do movimento nacional árabe, de Kaled Bagdach, Kerala, de Ajoy Ghosh e outros. A revista publica também, além de suas seções habituais, a condensação de um longo e importante estudo de Palmiro Togliatti sobre a história da Internacional e o significado de sua atividade ao longo de vinte e cinco anos.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

Pode ser encontrado em todas as bancas de jornais e livrarias. FAÇA DESDE JA A SUA ASSINATURA PARA 1960. DIRIGINDO-SE A Rua da Assembleia, 34 S/304 - Rio



O Museu da Sociedade Interplanetária está diariamente aberta à visitação pública.

Vão Ensinar o Povo a Conhecer Segredos Da Lua

É presente o interesse do povo pelos problemas científicos atuais, e a prova disso está no aparecimento de sociedades de amadores, que completamente desamparadas pelo governo, e vivendo de suas próprias contribuições arrecadadas no comércio, dedicam-se a difusão da ciência no país. Conduzida pela diretoria, nossa reportagem visitou a sede da Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro (Rua dos Inválidos 37 - Terraço) cujo presidente, José Joaquim Salles Lemos, descreveu a situação e finalidade da associação.

Estudo e difusão de conhecimentos sobre Astronomia, Astronômica e matérias conexas, podendo, para isso, realizar cursos práticos e teóricos, conferências e palestras, destinados aos seus associados ou ao público em geral, promovendo, quando possível, pesquisas e experiências destinadas ao desenvolvimento daquelas ciências.

1.º e 2.º tesoureiros, Diretor Social, e 1.º e 2.º bibliotecários. O mandato é de dois anos. Trata-se de uma entidade democrática, que não condiciona o ingresso de associados, a credos políticos, filosóficos ou religiosos, podendo qualquer cidadão, em gozo dos seus direitos civis, fazer parte da Sociedade.

ADMINISTRAÇÃO

A administração da sociedade está entregue a uma diretoria, eleita pela Assembleia Geral e escolhida exclusivamente entre sócios. É constituída dos seguintes membros: Presidente, 1.º e 2.º secretários,

NOVOS DEPARTAMENTOS

Pretendem fundar novos departamentos: o de Selonografia é um deles, e contém com a assistência de pesquisadores como o Engenheiro Luciano Fremont, chefe da Seção Antigravitação do Centro

ANISTIADOS VOLTAM AO TRABALHO

Depois de permanecerem mais de 10 anos afastados do trabalho, os 33 portuários do Rio de Janeiro, dispensados ilegalmente em 1949, voltaram a sua antiga atividade e ao convívio dos seus outros companheiros. Esses trabalhadores foram dispensados sob a acusação de terem cometido o crime de lutar pelo enquadramento funcional, pelo repouso remunerado, e outras reivindicações de interesses dos portuários. Desde então a

luta pela sua reintegração no serviço não parou. Finalmente, em abril de 1959, o sr. João Goulart, vice-presidente da República, assinava o decreto que os anistiava, proveniente da Câmara e da autoria do deputado José Gomes Talarico. Agora, após vencerem a má vontade de certas autoridades, os trabalhadores anistiados voltaram ao trabalho, em plena atividade.

Depois do acôrdio: relações diplomáticas com URSS e China

(Conclusão da 6.ª parte)

Disse ainda que era incompreensível a atitude em que permanecemos no campo das relações internacionais privando-nos do intercâmbio com a União Soviética e a

República Popular da China, enquanto as demais Nações mantêm com elas permanentes e importantes relações comerciais. O Convênio agora celebrado deverá ter crescente desdobramento, e de modo especial no setor técnico e científico, nos quais a Rússia fez as mais maravilhosas conquistas, atingindo mesmo uma real primazia na era atômica.

«Cabe considerar esse acôrdio como um passo inicial para o estabelecimento de nossas relações políticas com a Rússia, as quais terão que estender-se também sem largança à República Popular da China que, com o seu imenso manancial de homens e de recursos, com sua extraordinária operosidade e sua fervorosa confiança no futuro, caminha aceleradamente na senda do progresso e pode ser uma consumidora dos nossos produtos. Não serão apenas os interesses materiais que nos conduziram a essa política de aproximação e amizade, mas a responsabilidade cada vez maior que cabe ao Brasil de colaborar para construir novos fundamentos de uma política de cooperação e paz», concluiu o senador Antônio Viveiros.

MANOEL VIEIRA DE SOUZA

MARILIA (Do Correio-pontense) — Faleceu, no dia 3 de dezembro passado, nesta cidade, o conhecido e estimado operário Manoel Vieira de Souza, nascido em União dos Palmares, em Alagoas. Manoel Vieira de Souza foi inicialmente lavrador em sua cidade natal, indo depois para São Paulo em vista da opressão do latifúndio que torna extremamente difícil a vida do pequeno camponês. Em Marília, Manoel trabalhou durante vários anos, constituindo sua família e formando grande círculo de amigos. Operário consistente, Manoel Vieira de Souza sempre foi exemplo de combatividade e resistência, sendo um dos batalhadores mais entusiasmados da causa do nacionalismo. Em vista disso, logo que se espalhou a notícia de sua morte, à sua casa acorreu grande número de pessoas. Seu enterro foi também acompanhado pelos amigos, colegas de trabalho e pessoas conhecidas, tendo vários oradores usado de palavras à beira do túmulo.

Grileiros (Com Apoio Da PolíCIA) Roubam Terras e Espancam Lavradores

A Associação dos Lavradores de Campo Grande e Guaratiba realizou, no último dia 6, uma assembleia em sua sede, onde foram tratados assuntos de interesse da classe, leada por grileiros e ladrões de terra.

A entidade, órgão de classe dos lavradores da região, vem lutando há vários anos para combater a calamitosa situação dos camponeses, sem receber o menor auxílio dos organismos federais e municipais que existem para esse fim.

Os grileiros, que contam com o apoio das autoridades policiais e municipais, usam todas as espécies de recursos, como a intimidação, a agressão física, o emprego de testemunhas falsas e a falsificação de documentos para atingir seus objetivos.

JUSTIÇA NÃO DEFENDE O LAVRADOR

Um fato ocorrido recentemente ilustra essas nossas afirmações. O indivíduo Joaquim Rodrigues Pazo, conhecido ladrão de terras em Campo Grande, entrou em juízo com uma ação de emissão de posse contra o lavrador Manuel Ferreira. Este informado do que sucedia pela advocacia da associação, Dr. Pedro Coutinho, abandonou o trecho reivindicado pelo grileiro, passando a lavar em trecho de terra anexo e não incluído na ação proposta pelo referido indivíduo. Tendo obtido ganho de causa, Joaquim Pazo, acompanhado do investigador José Moraes, seu genro, do oficial de justiça e de numerosa caravana policial, rumou para o local. Não houve dificuldade em ocupar a terra, uma vez que o lavrador já a abandonara. Depois da ocupação do trecho especificado pela lei, Joaquim Pazo pretendeu ocupar também o trecho da terra anexo, ocupada pelo lavrador e que não constava do despacho final do juiz. O oficial de justiça mandou dar cumprimento ao despacho de Pazo, e o lavrador foi expulso sob ameaças. Não satisfeito, Pazo quis ainda outro trecho pertencente a Manuel Ferreira. Sob as vistas complacentes do oficial de justiça, a terra foi ocupada, sendo o lavrador obrigado a procurar abrigo, com sua família, na sede da Associação. De nada valeram os protestos de Manuel Fer-

reira, a quem a terra pertencia desde 1954, por sentença judicial. O oficial de justiça pareceu estranhamente submisso às ordens de Pazo. Esse é apenas um entre os inúmeros casos dessa natureza.

EMPRESTAM A LIGHT E NEGAM AOS CAMPONESES

Com as autoridades municipais, não é melhor a situação dos camponeses. A Secretaria de Abastecimento da Prefeitura nega-se a conceder carteira de feirante aos lavradores, impedindo-os de vender seus produtos diretamente ao consumidor. O "trust" do abastecimento carrega, assim, o lavrador a associar-se ao grileiro, pagando aluguel a este, pois a Prefeitura não compra

mercadorias sem a apresentação do registro de propriedade da terra. O sr. Lopo Coelho, secretário do abastecimento, parece estar agindo de comum acordo com o "trust" no propósito de impedir que se barateie o custo da vida através da venda direta do produtor ao consumidor. Prova evidente disso é o fato de a Prefeitura tomar medidas para acabar com a feira livre a fim de favorecer os donos de mercadinhos.

Também no Banco da Prefeitura acontecem coisas estranhas. A municipalidade, sempre atendendo os desejos dos imperialistas, acaba de conceder à Light um empréstimo de Cr\$ 200.000.000,00. Depois de fazer tal empréstimo, sem juros e a longo prazo, o Banco da Prefeitura ne-

gou-se a conceder Cr\$ 36.000.000,00 para indenizar os prejuízos causados pelas enchentes de julho aos lavradores de Jacarepaguá.

O Ministério da Agricultura, que deveria tomar medidas para fazer progredir a lavoura, também entrava desse desenvolvimento. Para que o Ministério conceda financiamento é necessário que um técnico examine o local e dê parecer favorável ao plantio. Ora, esses técnicos têm condenado sistematicamente os terrenos lavrados pelos camponeses, o que impede a concessão de qualquer financiamento, empréstimo ou material adequado à lavoura.

PERSONALIDADES NA ASSEMBLÉIA

Além dos próprios lavradores, que expuseram suas queixas e reivindicações, outras pessoas fizeram uso da palavra na reunião. O deputado Lycio Hauer, apresentando apoio e solidariedade, prontificou-se a acompanhar uma comissão ao Chefe de Polícia, cel. Luiz Ignácio Jacques Jr., para solicitar providências contra as arbitrariedades seus comandados e ao prefeito Sá Freire Alvim para reclamar contra a administração do sr. Lopo Coelho.

Outro orador foi o jornalista e vereador José Frejat, que conclamou os lavradores a que se unissem em torno de suas entidades de classe, a fim de tornar mais eficaz sua luta.

Falaram ainda a jornalista Elza Soares Ribeiro, que lhes ofereceu ajuda da assessoria sindical da vice-presidência da República, e o cel. João Faria, membro do Comitê Pro-Lott da Zona Norte, que levou aos camponeses a palavra de estímulo e apoio do candidato nacionalista.



COMITÊ PRÓ-LOTT EM CARUARU

Foi criado em Caruaru um Comitê operário-estudantil pró-Lott, que conta com a participação de elementos de todas as camadas da população da cidade. Durante a cerimônia de instalação do comitê falaram vários líderes estudantis, sindicais e personalidades locais, assinalando o caráter nacionalista da candidatura do marechal Lott, à qual se opõem os grupos entreguistas de dentro e de fora do governo. O vereador Severino Rodrigues (Chico do Lott) defendeu o voto para os analfabetos, que ainda constituem a maioria da nossa população, não podendo ficar afastados do processo eleitoral. Foi também chamada a atenção para a política de capitulações do Governo Kubitschek, como no caso dos frigoríficos, com a saída do general Uruahy Magalhães da COFAP. Na ocasião foi eleito a diretoria do Comitê, sendo indiciado presidente o jornalista Wandregêzilo Neves e demais membros os srs. Jonas Martins Gonias (estudante), Gonçalo Alves (líder sindical), Napoléon Júnior, Belmiro Lyra Filho (estudante), Arnaldo Estabáquio (líder feirante), Carlos Fernando (do teatro local), Antônio Claudino (estudante), Luis Mendonça (industrialista e diretor do teatro) e Francisco Claudino (banqueiro). Na foto, um aspecto dos trabalhos, quando falava o vereador Severino Rodrigues.

"DIA DA OMISSÃO": JORNADA POPULAR CONTRA A CARESTIA

Toda a população carioca e fluminense será conclamada a participar do Dia da Omissão, a ser programado pelos líderes operários e do funcionalismo público, e que deverá se constituir numa calorosa manifestação de protesto contra a carestia da vida, e em favor da aprovação dos projetos de lei que serão discutidos na sessão extraordinária do Congresso Nacional. Essa foi a decisão dos representantes dos trabalhadores e do funcionalismo do Distrito Federal e do Estado do Rio, na reunião promovida na última terça-feira, na sede do Sindicato dos Têxteis.

UNSP E SINDICATOS

O ato do Sindicato dos Têxteis reuniu representantes de

VITÓRIA DOS CAMPONESES DE PERNAMBUCO ASSEMBLÉIA DESAPROPRIA TERRAS DO ENGENHO GALILÉIA

RECIFE (Do Correspondente) — Em três sessões consecutivas a Assembleia Legislativa votou e aprovou o projeto do deputado Carlos Luiz de Andrade (PSB), que dispõe sobre a desapropriação pelo Estado das terras do antigo Engenho Galiléia, no Município de Vitória de Santo Antão. Ainda antes de encerrar-se esta legislatura, ou em convocação extraordinária, a Assembleia deverá apreciar e votar três mensagens governamentais —

relativas à Companhia de Colonização, da fábrica de borracha sintética e autorização, para um empréstimo de 15 milhões de dólares a particular americano, a fim de fazer face ao plano agrícola. O governador Cid Sampaio, conforme disse no discurso pronunciado perante grande massa de camponeses de Galiléia, que recebeu nos jardins do Palácio, considerava impossível a concretização do projeto aprovado sem recursos que aquelas três

mensagens devem proporcionar ao governo.

VITÓRIA DOS CAMPONESES

Mais de mil camponeses, todos rendeiros de Galiléia, acompanharam os debates e votação do projeto. Das galerias do velho Palácio Joaquim Nabuco, totalmente lotadas, tiveram oportunidade de identificar entre a oposição, encarniçada contra o projeto, os mais veementes porta-vozes dos latifundiários e senhores de engenho.

Antes do início dos trabalhos da sessão, realizou-se em frente à Assembleia um comício improvisado. Usaram da palavra, entre outros, os deputados Carlos Luiz de Andrade e Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas. Falou também, o deputado Pedro Alvarez, (PTB) do Rio Grande do Sul, ora nesta capital, onde participou do V Congresso Nacional de Municípios.

Em Greve os Funcionários de Belo Horizonte

Todos os serviços públicos de Belo Horizonte continuam em estado calamitoso em virtude do movimento grevista do funcionalismo municipal, que reclama o pagamento dos seus salários atrasados desde o mês de setembro. O movimento conta com a unanimidade dos trabalhadores, os quais, segundo a opinião de um dos seus líderes, sr. Geraldo Ernesto, só voltarão ao trabalho após o recebimento dos atrasados.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

Marítimos Dão Prazo Até Dia 20 Para Governo Cumprir Acôrdo

O transporte marítimo está ameaçado de paralisar em todo o país, se até o próximo dia 20 as empresas autárquicas e particulares não tiverem cumprido os itens do Temário de Reivindicações, assinado no dia 6 de novembro do corrente ano.

Os oficiais de máquinas, que não assinaram o acordo de novembro, estão com greve marcada para o próximo dia 22, reivindicando entre outras concessões, a gratificação de 40% correspondente ao risco de vida, quinquênios, e o pagamento do dólar a Cr\$ 32,80, idêntico ao percebido pelos oficiais das forças armadas.

A Federação Nacional dos Marítimos, em sua última reunião, determinou que os sindicatos a ela filiados se reúnam em assembleias gerais, a fim de decidirem sobre a atitude a tomar caso se continue a protelar o cumprimento dos itens do Acôrdo Salarial e do Contrato Coletivo de Trabalho.

Os navios do Lóide Brasileiro e da Companhia Nacio-

nal de Navegação Costeira já estavam sendo retidos nos portos de todo o país, mas as entidades sindicais dos trabalhadores do mar, atendendo a um apelo formulado pelo Governo, resolveram retirar a ordem de retenção dos navios, até o dia 20 próximo. Se até lá as suas reivindicações não tiverem sido atendidas, o movimento de protesto poderá assumir maiores proporções.

MARÍTIMOS SOCORREM TUBERCULOSOS

Além da luta para fazer cumprir de ponta a ponta todos os itens do Temário de Reivindicações, a Federação Nacional dos Marítimos correu em solidariedade, aos 1.200 trabalhadores que se encontram internados no Sanatório de Curitiba, e que se encontravam às portas da fome, em virtude da absoluta falta de recursos financeiros para as despesas mínimas do hospital. Como inúmeros marítimos se encontram internados naquele nosocômio, a Federação resolveu interfe-

riar junto a vice-presidência da República, visando para que se providenciasse o pagamento de mais de 40 milhões de cruzeiros que os LÁP e

outras entidades devem ao Sanatório de Curitiba. Uma boa parte já foi paga, e o tratamento dos doentes começa a melhorar.

TRANSMISSÕES DA RÁDIO MOSCOU PARA O BRASIL

A Rádio Moscou passou a transmitir seus programas diários para o Brasil de 19 às 21 horas, hora do Rio de Janeiro. A potência da transmissão foi duplicada, e aumentado o número de frequências. Os programas podem ser ouvidos nas faixas de 25 e 31 metros:

Faixa de 25 metros		Faixa de 31 metros	
Frequências em megacíclos	Comprimentos de onda em metros	Frequências em megacíclos	Comprimentos de onda em metros
11,75	25,53	9,47	31,67
11,70	25,44	9,78	30,67
11,87	25,27		
11,92	25,17		

CARTA DO SERTÃO

ZE PRAXEDI — o poeta vaqueiro

Favela do «Canta Galo»,
Cumpade Mané de Lima:
Vô ti dá minhas natiça
Se não me fartá as rima.

Já subesse do arregaço
Qui houve nas Aragaça?
Fizero ribulhão...
Dez ou doze valentão
Quirão fazê desgraça.

Foro prendê os reberde
Cum tanque e metralhadôra,
Canhão de grosso calibre
Qui faz nédo quando istôra.
Viro no campo da luta
Meia duza de bassôra.

Meu cumpade, fique certo,
Qui o Brasi agora vai.
Nós num sumo mais tão cego
Como foi o nosso pai.
Generá Texeira Lote
Já derrubô um magote
Dessa gente qui num cai.

Uns dez ou doze sordado,
Meia duza de civíl,
Num avião chêi de bassôra
Querê lumá o Brasi.

Nós sumo sucurana
Para brigá e mordê:
A vida intêra cumpendo
E seis meze sem cumá.

Bem diz o Mané Vintura:
«Num sabe o qui tão fazendo»
Quere os home de partido
Tirá um doído barrido.
Butá um doído barrendo!»

Ele votô no J.K.
Porém diz prú sua vez,
Coisas qui leva dez ano
O eaba faz im um mês...
J.K., só tem de gente
Aqueies ôi de chinês.

Daqui pr'ê abrí 'tim
Vem a Nova Capitá,
Tudo barrido e bunito,
Infelitado de metá...
O Palaco d'Arvorada
Foi feito pra só morada
Dêsse grande Generá.

Cumpade Mané de Lima
Arreceba meu abraço.
Lembrança a tôda fâmia,
Manezin dos Anastaço.

Prestes: Mundo Socialista Ve o Brasil Com Interesse e Carinho

Iniciando a entrevista que concedeu à imprensa no dia 17 em sua residência, o dirigente popular Luiz Carlos Prestes leu uma declaração em que resumia as principais impressões de sua visita à China, à URSS e a outros Estados socialistas. Em vista do interesse despertado pela viagem daquele líder político, transcrevemos a seguir a íntegra daquela declaração:

"Convidado a comparecer às festividades comemorativas do 10º aniversário da vitória da Revolução Chinesa e da fundação da República Popular da China tive ocasião de visitar além da China Popular, a União Soviética, a Polónia, a Tchecoslováquia e a República Democrática Alemã.

Na China tive a honra de participar, como representante dos comunistas brasileiros, das referidas festividades. Os numerosos jornalistas que então se achavam em Pequim, entre os quais havia também destacados jornalistas brasileiros, já informariam da beleza, da importância, da magnificência daquelas comemorações. O povo chinês, livre da miséria e da exploração, manifestou sua alegria e o entusiasmo com que hoje trabalha sob a direção do governo da República e do Partido Comunista, assim como o amor que dedica a seu eminente líder amado Mao Tsé-Tung. Nas comemorações do 10º aniversário da República Popular da China foi também um acontecimento de importância internacional. Em Pequim reuniram-se os representantes de partidos comunistas e operários de 71 países, os quais debataram pela tribuna da Assembleia Nacional e manifestaram em uma só voz sua admiração pela obra realizada pelo povo chinês na década decorrida. A velha China explorada e humilhada pelos monopólios imperialistas desapareceu para sempre. O que hoje existe é uma grande nação que constrói a ritmos jamais conhecidos a nova sociedade socialista, assegura o bem-estar, a cultura e a felicidade para todos os seus filhos. Com a solidariedade e ajuda da União Soviética e dos demais países do campo socialista industrialmente mais avançados, a China Popular se industrializa rapidamente e ao mesmo tempo consolida a coletivização de sua agricultura utilizando formas específicas e originais como são as comunas populares.

Na União Soviética pude assistir às comemorações do 42º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro que se realizaram sob o signo de grandes êxitos na execução do primeiro ano do Plano septenal, assim como na política externa e no terreno das ciências e da técnica. Os povos soviéticos manifestavam sua alegria com a diminuição da tensão internacional e no mundo inteiro ainda ressoavam os ecos da grande festa que foi o lançamento do terceiro foguete cósmico.

Tanto na União Soviética como nos três outros países visitados — Polónia, Tchecos-

lováquia e República Democrática Alemã — o que se verifica é o elevado nível de vida material e cultural alcançado por seus povos, evidente resultado dos êxitos crescentes que vão sendo obtidos na realização dos planos de desenvolvimento econômico. Indissolivelmente unidos, os países do campo socialista apolam-se mutuamente e avançam rapidamente pelo caminho que leva à construção vitoriosa da sociedade comunista.

O campo socialista torna-se cada vez mais poderoso. Não há dúvida que as forças do socialismo, juntamente com as forças que lutam pela independência nacional, pela

paz e pela democracia no mundo inteiro são cada dia mais fortes que as forças do imperialismo. O campo socialista é um poderoso baluarte da paz, indestrutível por qualquer combinação de forças do imperialismo, e sua política de paz continuará a derrotar os atos agressivos e a política de guerra fria do campo imperialista. Neste sentido, a visita do Chefe do governo soviético aos Estados Unidos constitui novo e importante passo que muito contribuiu para a diminuição da tensão internacional e para a causa da paz mundial. Seus efeitos positivos são já evidentes e de grande alcance internacional.

Nos países por mim visitados acompanha-se com vivo interesse a situação na América Latina e particularmente no Brasil. Solicitado por amplos círculos de estudiosos em questões sociais, tive ocasião

(Conclui na 7.ª página)



CHINA, URSS, ALEMANHA

A convite do governo da China Popular e de outros países socialistas, Luiz Carlos Prestes realizou longa viagem, da qual regressou recentemente. Nas diversas cidades que visitou, durante as conferências que manteve com estadistas e dirigentes dos partidos comunistas dos países socialistas que percorreu, encontrou sempre o interesse e o carinho para com o Brasil, assim como pela luta do povo brasileiro. As fotos que ilustram esta página, foram tomadas durante a visita de Prestes à China, URSS e Alemanha.

NOVOS RUMOS

